O Médico e o Monstro

Robert Louis Stevenson

A HISTORIA DE UMA PORTA

O advogado Utterson era um homem de aspecto carrancudo, incapaz de um sorriso; frio, parco e seco de palavras; tímido na expressão do sentimento. Apesar disso e do seu ar esguio e chupado, ao mesmo tempo cinzento e triste, era um homem capaz de criar simpatia. Nas reuniões com os amigos e quando o vinho lhe agradava, algo de profundamente humano irradiava-lhe dos olhos; algo que nunca chegava a refletir-se nas palavras mas que falava, não só nos gestos mudos do rosto à sobremesa, mas também e muitas vezes e de modo eloquente em todos os atos da vida. Era austero consigo próprio; quando se encontrava a sós, bebia genebra para mortificar a sua inclinação por vinhos de boas marcas e embora apreciasse o teatro, há mais de vinte anos que não frequentava nenhum. Em troca, era de uma tolerância reconhecida para com os outros, admirando por vezes quase com inveja a grande força de espírito que o cometimento de certas façanhas exigia e, em caso de algum apuro, preferia sempre ajudar em vez de condenar.

– Prefiro a heresia de Caim – costumava dizer. – Deixo que seja o meu irmão a procurar por si o caminho para o diabo.

Por causa deste seu caráter, a miúdo o seu destino era ser a derradeira amizade decente e a boa influência final na vida de homens a caminho da degeneração. E embora continuassem a frequentar-lhe a casa, nunca mostrava o menor vestígio de mudança na sua conduta.

Sem dúvida, esta "proeza" não era difícil para um homem como Utterson que, na melhor das hipóteses, era reservado e baseava as suas amizades numa tolerância só comparável à sua bondade. É característico da pessoa modesta aceitar das mãos da fortuna o círculo já traçado das suas amizades e era isso que sucedia ao nosso advogado. Os seus amigos eram os membros da família ou aqueles a quem conhecia há já muito tempo. À semelhança da hera, os seus afetos eram obra da passagem dos anos e não correspondiam necessariamente a nenhuma aptidão ou característica especial por parte de quem os inspirava. Eram desse tipo os laços que o uniam a Richard Enfield, parente distante, muito conhecido em toda a cidade. Para muitos, aquela relação era um enigma e interrogavam-se sobre o que poderiam encontrar de interessante um no outro e o que teriam em comum. Todos quantos se cruzavam com eles durante os seus passeios de Domingo, diziam que não falavam nada, que pareciam mortalmente aborrecidos e que saudavam com evidente satisfação o aparecimento de um amigo. E, contudo, apesar de tudo, ambos colocavam o maior interesse nessas digressões, apreciando-as como o melhor momento da semana e não só rejeitavam outras oportunidades de diversão para as poderem desfrutar sem interrupção, como também resistiam a qualquer chamamento das obrigações profissionais.

Aconteceu que num desses passeios dominicais foram dar a uma rua sinuosa de um dos bairros mais concorridos e animados de Londres. A rua era estreita e tranquila, mas com grande movimento comercial durante os dias de semana. Via-se que os seus habitantes eram prósperos e que competiam entre si para prosperarem ainda mais, gastando o excedente dos seus ganhos em artigos de luxo, de maneira que as montras que se alinhavam ao longo da via se mostravam tentadoras, muito atraentes, como duas filas de vendedores sorridentes. Até

mesmo aos Domingos, quando era menor o seu encanto chamativo e ficava quase deserta, a ruela reluzia como uma fogueira num bosque, contrastando com o bairro sombrio em que se situava, enchendo e alegrando os olhos dos transeuntes com os estores recém-pintados, os metais reluzentes e bem polidos e a limpeza e a alegria geral pareciam ser a sua marca distintiva.

Duas portas mais adiante, ao virar de uma esquina do lado esquerdo, na direção de leste, a entrada de um pátio interrompia a linha das montras e precisamente nesse local, um edifício sinistro projetava sobre a rua a empena do seu telhado. Tinha dois pisos e não se viam nem janelas nem outra coisa para além de uma porta no piso inferior e de um muro descolorido no andar superior. Todo ele revelava um prolongado e sórdido abandono. A porta, sem campainha nem batente, estava com a pintura estalada e desbotada. Os vagabundos costumavam sentar-se junto do umbral e acender os fósforos nas suas almofadas. As crianças brincavam nas escadas e muitos estudantes experimentavam os canivetes nas molduras. Durante quase uma geração ninguém aparecera nem para afugentar aqueles visitantes ocasionais nem para consertar os estragos produzidos.

Richard Enfield e o advogado caminhavam pelo passeio oposto mas quando chegaram em frente da entrada, o primeiro ergueu a bengala e apontou para lá.

– Já tinhas reparado alguma vez nesta porta? – perguntou.

O seu acompanhante respondeu afirmativamente.

– Está associada na minha mente – acrescentou – a uma história muito estranha.

– Ah sim? – exclamou Utterson com uma ligeira alteração de voz. – Que história é essa?

– Bem, aconteceu assim – prosseguiu Enfield. – Regressava a casa vindo lá dos confins do mundo, por volta das três horas de uma negra madrugada de Inverno e tinha de atravessar um bairro onde não se via literalmente nada a não ser os candeeiros acesos. Percorri rua após rua, uma atrás da outra, todas iluminadas como que preparadas para um desfile e vazias como uma igreja e onde toda a gente dormia... até que por fim me encontrei naquele estado de ânimo em que escutamos o mínimo ruído e ficamos com o ouvido atento, começando a desejar a presença de um polícia. De imediato vi duas figuras: uma era um homenzinho acachapado que caminhava para leste a bom passo e a outra a de uma menina de uns oito ou dez anos que vinha a correr a bom correr por uma rua transversal. Como era de esperar, ambos chocaram ao chegar à esquina e então aconteceu o mais horrível da história: o homem atropelou e pisou o corpo da menina com toda a calma, deixando-a abandonada no solo a gritar de dor. Contado assim, não parece grande coisa, mas a visão foi diabólica. Não foi um ato de um ser humano mas antes de um abominável Juggernaut[1]. Dei-lhe um berro e corri atrás dele; agarrei o nosso "cavalheiro" pelo pescoço e obriguei-o a voltar até ao local, já que se havia reunido um grupo de pessoas à volta da menina. Mostrava-se perfeitamente tranquilo e não ofereceu resistência, mas lançou-me um olhar tão inquietante que me senti inundado de calafrios. As pessoas reunidas à volta da menina eram seus familiares e de seguida apareceu o médico a quem ela ia precisamente chamar. Pois bem, segundo o doutor, a menina não tinha nada de grave a não ser o susto e se não tivesse ocorrido uma curiosa circunstância, a história teria acabado aqui, como é de supor. Só de o ver, senti uma intensa aversão por aquele homem e o mesmo aconteceu aos familiares da menina, coisa que, no fundo, era natural. Mas o que me surpreendeu foi a atitude do médico. Era um tipo vulgar e corrente de médico, de idade e aspecto indefinidos, com um forte sotaque de Edimburg e quase tão sentimental como uma

gaita escocesa. Tal como nós, sempre que fitava o meu prisioneiro, punha-se trêmulo e pálido como se desejasse matá-lo. Via que os seus pensamentos eram idênticos aos meus e dado que o assassinato estava fora de causa, fizemos o máximo que podíamos fazer. Dissemos àquele homem que armaríamos tal escândalo do sucedido que faríamos com que o seu nome fosse odiado de uma ponta à outra de Londres e que se tivesse alguns amigos e algum prestígio, prometíamos que os perderia. Durante todo esse tempo, enquanto o verberávamos com tanta veemência, tínhamos de nos esforçar por manter afastadas dele as mulheres que estavam mais furiosas que harpias. Nunca vira rostos com tamanho ódio. E ali, no meio de todos nós, estava esse homem, com uma espécie de frieza negra e insolente, atemorizado também, mas dominando-se como um ser satânico.

– Se decidiram arrancar-me dinheiro por causa deste acidente – disse ele –, naturalmente que estou nas vossas mãos. Qualquer cavalheiro que se preza sabe que tem de evitar uma cena a qualquer custo. Digam-me quanto querem.

Apertamos-lhe os pulsos e exigimos cem libras para a família da criança. Era evidente que desejaria evitar tal extorsão mas por fim claudicou dada a nossa atitude ameaçadora. O passo seguinte era conseguir o dinheiro e aonde crês que tudo isso nos conduziu? Pois claro, a esse edifício aí em frente. Puxou de uma chave, entrou e daí a pouco voltou a sair com dez libras em ouro e o resto num cheque ao portador contra o banco de Coutts, assinado com um nome que não posso mencionar, embora seja um dos aspectos importantes da minha história. Só te direi que era um homem muito conhecido, a miúdo citado na imprensa. A importância do cheque era tremenda, mas a assinatura, a ser autêntica, era muito mais. Assim, tomei a liberdade de sugerir ao nosso cavalheiro que tudo aquilo me parecia falso, uma fraude e que na vida real um homem não entra às quatro da manhã por uma porta de um sótão, regressando com um cheque de outra pessoa no valor de quase cem libras.

– Não se preocupem – disse-me ele muito tranquilo e com ar depreciativo –, que ficarei com os senhores até à abertura dos bancos e eu mesmo levantarei este cheque.

Desta forma pusemo-nos todos a caminho, o médico, o pai da menina, o nosso amigo e eu próprio. Passamos o resto da noite em minha casa e no dia seguinte, depois do pequeno-almoço, fomos ao banco como um único homem. Eu mesmo entreguei o cheque e disse que tinha todas as razões para crer tratar-se de uma falsificação. Pois nada disso se verificou. O cheque era legítimo.

– Que estranho! – disse Utterson, fazendo um gesto de reprovação.

– Vejo que pensas como eu – prosseguiu Enfield. – Realmente, não é uma história nada divertida. Aquele homem era um tipo com o qual ninguém quer ter qualquer relação, um ser verdadeiramente detestável, enquanto a pessoa que assinou o cheque é um exemplo, a fina-flor e a nata da decência, de resto bastante célebre e, o que é pior, uma dessas personagens conhecidas pelas suas boas obras. Uma chantagem, suponho. Um homem honesto que tem de pagar um preço elevadíssimo por algum deslize da sua juventude. Por causa disso, chamo a este edifício a "casa da chantagem". Ainda que, como compreenderás, isso esteja longe de explicar tudo.

E com estas palavras calou-se meditativo com ar distraído. Foi interrompido bruscamente por Utterson que de repente lhe perguntou:

– E não sabes se quem assinou o cheque mora aqui?

– Um lugar verossímil, não achas? – respondeu Enfield. – Por acaso, vi o seu endereço.

Vive numa praça qualquer.

– E nunca o interrogaste sobre este edifício?

– Não senhor. Sempre fui decididamente contra fazer perguntas. É como se fosse o dia do Juízo Final. Tu fazes uma pergunta e é como atirar uma pedra, estando tranquilamente sentado no cimo de uma colina. E essa pedra vai arrastando outras na sua queda. No final, um pobre infeliz (o último em que tivesses pensado) é atingido na cabeça no seu próprio jardim e a família terá de mudar de nome. Não estou disposto a... Eu tenho a minha própria regra: quanto mais casos investigo como o da rua misteriosa, menos perguntas faço.

– É uma regra muito sensata – disse o advogado Utterson.

– No entanto, decidi estudar o edifício – continuou Enfield. – Parece ser apenas uma casa. Não possui outra porta além da principal e por ela não entra nem sai ninguém a não ser, lá de muito em longe, o cavalheiro protagonista da minha aventura. O primeiro piso tem três janelas que dão para o pátio. No andar inferior, nenhuma. As janelas estão sempre fechadas, mas conserva as vidraças limpas. De resto, há uma chaminé que em geral fumega, pelo que deve viver ali alguém. Contudo, é coisa que não se pode garantir porque os edifícios estão tão juntos uns dos outros à volta desse pátio que é difícil dizer onde acaba um e começa outro.

Os dois caminharam durante algum tempo em silêncio até que Utterson comentou:

– Richard, essa tua regra é muito boa.

– Sim, creio que sim.

– Mas apesar de tudo – prosseguiu o advogado –, há uma pergunta que quero formular: gostava que me dissesses como se chama o homem que chocou contra a menina.

– Bem, não vejo que mal haverá em to revelar. Aquele homem chama-se Hyde.

– Hmmm – fez Utterson. – Qual era o seu aspecto?

– Não é fácil descrevê-lo. No seu aspecto, há algo de estranho, algo de desagradável, de francamente detestável. Nunca vi um homem a quem considerasse tão antipático e, apesar disso, não sei bem explicar a razão da minha atitude. Deve possuir alguma deformidade. Essa é a sensação que dá, embora não possa especificá-la com exatidão. É um homem de aparência extraordinária e, apesar disso, não podemos indicar nele nenhum sinal fora do normal. Não, senhor, não posso fazê-lo, não consigo descrevê-lo. E não é por um lapso de memória, porque neste preciso momento estou a recordar-me perfeitamente dele.

Utterson caminhou de novo um pedaço em silêncio, claramente perturbado com o peso das suas cogitações.

– Tens a certeza de que utilizou uma chave? – perguntou por fim.

– Meu caro Utterson... – começou a dizer Enfield, que não cabia em si de assombro.

– Sim, bem sei. Compreendo que deve parecer estranho. O fato é que se não te pergunto o nome da outra pessoa é porque já a conheço. Se fores inexato em algum ponto, convinha retificares o teu relato.

– Julgo que me devias ter avisado – respondeu Enfield mal-humorado. – Mas fui pedantemente exato, como tu dizes. Esse tipo tinha urna chave e o que é mais, ainda a possui. Vi-o a utilizá-la a semana passada.

Utterson suspirou profundamente, mas não pronunciou uma única palavra.

– Estou envergonhado por ter uma língua tão comprida – continuou o jovem Enfield. – Isto é uma lição para mim. Não sei quando vou aprender a calar-me. Façamos um acordo: nunca mais voltemos a mencionar este assunto.

– Prometo-te de todo o coração, Richard – disse o advogado.

À PROCURA DE MR. HYDE

Nessa tarde, Utterson chegou à sua casa de solteiro com o ânimo sombrio e sem qualquer apetite sentou-se à mesa para comer. Aos Domingos, depois de cear, tinha o costume de se sentar muito perto da lareira, a ler algum volume da sua predileção, até o relógio da igreja vizinha dar as doze, hora a que ia para a cama, tranquilo e satisfeito. Contudo, naquela noite, ao levantar-se da mesa, pegou numa vela e dirigiu-se ao escritório. Ali, abriu um cofre, retirou do seu lugar mais secreto um documento em cujas costas estava escrito: "Testamento do Doutor Jekyll" e sentou-se com o cenho franzido a estudar o seu conteúdo. O testamento fora escrito pelo punho do próprio testador, porque Utterson, embora tivesse a cargo a sua custódia, havia-se recusado a prestar a menor ajuda na sua elaboração. O documento não só dispunha que, em caso de falecimento de Henry Jekyll, Dr. em Medicina, Dr. em Direito, Dr. em Letras e membro da Royal Society, todos os seus bens fossem parar às mãos do seu "amigo e benfeitor, Edward Hyde", como também que, em caso do "desaparecimento ou ausência inexplicável" do Doutor Jekyll durante um período de tempo superior a três meses, o sobredito Edward Hyde entraria de posse dos bens daquele, sem mais dilação, e livre de obrigações para além do pagamento de uma pequena soma ao pessoal ao serviço do doutor. Havia já algum tempo que este documento constituía uma obsessão para o advogado. Ofendia-o tanto como advogado e como homem amante da sensatez e dos costumes de todos os aspectos da vida, para quem o fantástico ou o imaginário era quase desonestidade. E se até então a ignorância de quem pudesse ser Hyde lhe havia aumentado a indignação, agora, por uma repentina mudança dos acontecimentos, o fato de o saber agora indignava-o ainda mais. Se já era bastante desagradável quando aquele nome não era mais do que isso, de um nome, do qual de resto nada podia averiguar, tanto pior era agora, quando começava a estar revestido de atributos detestáveis. E da bruma movediça e insubstancial que durante tanto tempo havia velado a sua vista, de repente ficava com a nítida sensação da clara presença de um ser diabólico. "Pensava que fosse um caso de loucura" – disse para si mesmo, enquanto voltava a colocar no seu lugar no cofre o odioso documento – "e agora começo a temer tratar-se de uma infâmia" Com isto, apagou a vela, vestiu um capote e saiu para a rua em direção à praça de Cavendish, um autêntico reduto da medicina, onde o seu amigo, o famoso doutor Lanyon, tinha casa e consultório e onde recebia os seus numerosíssimos pacientes.

"Se alguém sabe alguma coisa a este respeito" – pensou "tem de ser Lanyon".

O imponente mordomo do médico, que o conhecia, saudou-o de imediato e sem demora conduziu-o diretamente à sala de jantar onde o doutor Lanyon estava sentado à mesa, com um copo de vinho à frente. Era um cavalheiro cordial, saudável e irrequieto, de rosto rubicundo, cabelos prematuramente brancos e maneiras decididas e ruidosas. Ao ver o advogado Utterson, levantou-se de imediato da cadeira e cumprimentou-o de mãos estendidas. À primeira vista, a cordialidade daquele homem era algo de teatral, mas correspondia a um sentimento sincero. Velhos amigos e antigos companheiros de escola e de universidade, ambos

respeitavam-se mutuamente e a si próprios e, o que nem sempre é disso consequência lógica, apreciavam a companhia um do outro.

Após uma breve troca de palavras informais, o advogado foi conduzindo a conversa para o assunto que tanto o preocupava.

– Suponho, Lanyon – disse ele –, que devemos ser os dois amigos mais velhos de Henry Jekyll.

– Quem dera que não fôssemos tão velhos! – respondeu o médico, rindo-se entre dentes. – Mas sim, suponho que sim. Que é feito dele? Ultimamente tenho-o visto muito pouco.

– Ah sim? Julgava que tinhas com ele alguns interesses comuns.

– E temos. Mas há mais de dez anos que Henry Jekyll se foi transformando num ser demasiado caprichoso e fantasioso para o meu gosto. Começou a dar mostras de perturbação mental e embora, naturalmente, continue a interessar-me por ele por amor aos velhos tempos, como se costuma dizer, vejo-o com raridade. Semelhantes idiotices tão pouco científicas – acrescentou o médico, corando – teriam criado inimizade até mesmo entre Damon e Péricles{2}.

Utterson sentiu-se um tanto aliviado por aquele desabafo.

"Só divergem em alguma questão científica", pensou. E como não era homem de paixões científicas – exceto em matéria de escrituras –, acrescentou: "De certeza que não é mais do que isso". Deu ao amigo uns segundos para recuperar a compostura e abordou o problema que o levara até ali.

– Chegaste a conhecer um protegido dele – perguntou –, um tal Hyde?

– Hyde? – repetiu Lanyon. – Não. Nunca ouvi falar dele. Essa foi toda a informação que nessa noite o advogado levou consigo para a cama. Uma cama grande e sombria em que se revolveu de um lado para o outro e em que as horas se tornaram cada vez mais longas até ao amanhecer. Pouco descanso teve a sua mente que trabalhou sem cessar na escuridão, acossada por imensas dúvidas.

Os sinos da igreja próximo da casa deram as seis e Utterson ainda continuava enfronhado no problema. Até então este apenas o havia afetado no plano intelectual, mas agora a sua imaginação estava também comprometida, melhor dizendo, dominada, escravizada, e enquanto jazia e se agitava na espessa escuridão da noite, no quarto fechado, a história de Enfield passava-lhe perante os olhos como uma série de quadros luminosos. Primeiro, o vasto panorama das luzes nas ruas de uma cidade noturna; depois, a figura de um homem caminhando célere e a de uma menina que saía a correr da casa de um médico; e depois, o encontro de ambos e como aquele Juggernaut humano calcou a menina caída, passando adiante, insensível aos seus gritos. Outras vezes, via um quarto numa casa rica, onde o seu amigo Jekyll estava a dormir, sorrindo em sonhos. De imediato, a porta abria-se, as cortinas da cama afastavam-se e uma voz fazia arrancar o dorminhoco ao sono. E ali estava, a seu lado, a figura que tinha o poder de o obrigar a levantar-se e cumprir as suas ordens, inclusive àquela hora da noite. A estranha figura protagonista das duas cenas anteriores obcecou o advogado durante toda a noite e, se em algum momento logrou dormitar por instantes, continuou a vê-la furtiva a deslizar silenciosamente por entre as casas adormecidas ou a mover-se velozmente, cada vez mais depressa, até à vertigem pelos extensos labirintos da cidade iluminada pelos candeeiros esmagando uma menina em cada esquina e deixando-a a gritar de dor. E a figura não tinha rosto, pelo que não conseguia reconhecê-la. Nem sequer em

seus sonhos tinha rosto e, se o possuía, este desvanecia-se ante os seus olhos desconcertando-o. Desta maneira, surgiu e arreigou-se rapidamente na mente do advogado uma curiosidade singularmente intensa, quase desmedida, de contemplar as feições do autêntico Hyde.

"Se tão somente conseguisse vê-lo por uma única vez", pensou "mistério esclarecer-se-ia e talvez se dissipasse de todo como costuma acontecer com as coisas fantásticas quando as examinamos de perto. Talvez pudesse compreender a razão da estranha predileção ou escravidão (chamem-na como quiserem) de Jekyll e até as surpreendentes cláusulas do testamento. Ou senão, pelo menos valeria a pena ver esse rosto: o rosto de um homem sem entranhas nem piedade um rosto que só teve de se mostrar uma vez para provocar na mente do pouco impressionável Enfield um ódio eterno".

Daquele dia em diante, Utterson começou a rondar a porta misteriosa. Fazia-o pela manhã, antes de ir para o escritório, ao meio-dia quando eram maiores as suas ocupações e o tempo escasso e a noite, debaixo do luar da cidade enevoada. Sob todas as luzes e a todas as horas, solitário ou acompanhado o advogado encontrava-se no posto que havia escolhido.

"Se ele é Mr. Hyde", pensou, "eu serei Mr. Seek" {3}.

Por fim a sua paciência foi recompensada. Era uma noite seca e gelada e as ruas estavam tão limpas como uma pista de baile. A luz dos candeeiros, imóveis pela ausência do vento, traçava sobre o pavimento um desenho regular de luzes e sombras. Por volta das dez, quando as lojas estavam já fechadas, a rua tornou-se solitária e, apesar do som distante da cidade que chegava de todos os lados, mostrava-se muito silenciosa. Os sons mais tênues ouviam-se à distância. Os ruídos domésticos que saíam das casas eram claramente audíveis de ambos os lados da rua e o rumor dos passos de qualquer transeunte que se aproximasse precediam-no durante algum tempo. O advogado Utterson estava já há alguns minutos no seu posto quando ouviu aproximarem-se alguns passos ligeiros e misteriosos. Ao longo das suas rondas noturnas, havia-se acostumado ao efeito curioso que se produzia quando os passos de uma só pessoa, embora a grande distância, se isolavam e se destacavam de imediato do ruído e buliço da cidade. Contudo, nunca antes haviam chamado a sua atenção de uma forma tão intensa e definida. Assim que, com um forte e quase supersticioso pressentimento de triunfo, retirou-se para o interior do pátio.

Os passos aproximavam-se rapidamente e ao dobrar a esquina do final da rua, o ruído aumentou de repente. O advogado, olhando para fora, pôde ver o tipo de homem com quem teria de tratar. Era de estatura baixa e trajava com muita simplicidade. Embora àquela distância, o seu aspecto predispunha de certo modo o observador contra ele. Encaminhou-se diretamente para a porta, atravessando a rua para ganhar tempo e, enquanto avançava, retirou uma chave do bolso como quem se aproxima da sua casa.

Ao passar junto de si, Utterson deu um passo em frente e tocou-lhe no ombro, dizendo:

– O senhor é Mr. Hyde, não é verdade?

Hyde parou emitindo um som inarticulado como um cicio aspirado. Mas o seu temor foi apenas momentâneo e, sem fitar diretamente o advogado, respondeu friamente:

– Eu próprio. Que deseja?

– Percebi que o senhor ia a entrar... – prosseguiu o advogado. – Sou um velho amigo do Dr. Jekyll. Já deve ter ouvido mencionar o meu nome, Utterson, da Rua Gaunt. E encontrando-o por casualidade, pensei que me permitisse entrar.

– O Dr. Jekyll não está aqui. Encontra-se ausente – respondeu Hyde, fazendo girar a

chave. Mas logo de seguida, bruscamente e sem erguer os olhos, perguntou: – Como é que me conheceu?

– Importa-se de me fazer um favor? – respondeu Utterson, disfarçando.

– Com todo o gosto – replicou o outro. – De que se trata?

– Importa-se que lhe veja a cara? – atirou-lhe o advogado. Hyde pareceu vacilar, mas logo de seguida, como se obedecesse a um reflexo repentino, fitou-o de frente com ar de desafio e os dois homens olharam-se fixamente durante alguns segundos.

– Agora já poderei reconhecê-lo posteriormente – afirmou Utterson. – Pode revelar-se-me muito útil.

– Sim. Foi bom termo-nos encontrado – replicou Hyde. – A propósito, vou dar-lhe o meu endereço.

E deu um número de uma rua no Soho.

"Meu Deus", pensou Utterson. "Será que ele também esteve a pensar no testamento?"

Contudo, calando os seus pressentimentos e com um grunhido surdo agradeceu-lhe o endereço.

– E agora, diga-me uma coisa – disse Hyde insistente –, como me conheceu?

– Por uma descrição.

– Uma descrição? De quem?

– Temos amigos comuns.

– Amigos comuns! – repetiu Hyde com voz rouca. – E quem são eles?

– Jekyll, por exemplo.

– Ele nunca lhe falou nada de mim! – gritou Hyde, roxo de ira. – Não pensava que o senhor me mentisse.

– Ora, vamos lá... – disse Utterson. – Essa não é uma linguagem adequada.

Hyde irrompeu numa gargalhada selvática e um momento depois, com uma rapidez extraordinária, abria a porta e desaparecia no interior da casa.

O advogado permaneceu de pé durante uns instantes no local onde Hyde o havia deixado: era a imagem viva da inquietação. Porém, logo de seguida, começou a caminhar lentamente rua acima, parando a cada passo e levando a mão à testa, tomado de uma profunda perplexidade. O problema com que se debatia enquanto caminhava era desse tipo de problemas de difícil resolução. Pálido e atarracado, Hyde produzia uma impressão de deformidade e, apesar de tudo, não parecia ter nenhum sinal de malformação. Possuía um sorriso desagradável. Tinha-se comportado com o advogado com uma mescla homicida de timidez e ousadia. E falava com uma voz rouca, um tanto sibilada e sussurrada. Tudo apontava contra ele, mas nem mesmo isso podia justificar a aversão, o medo e a repugnância com que Utterson se recordava dele: sentimentos que até então lhe eram desconhecidos.

"Tem de haver algo mais", disse confuso. "Há algo mais. Se soubesse o que era! Deus me perdoe, mas esse homem nem parece humano! Diria que se parece antes com um troglodita. Poderia ser também uma nova versão da velha história do Dr. Fell[4]. Ou talvez não é mais do que o fluido de uma alma que assim se revela e transfigura por completo o seu pobre corpo. Creio que esta última hipótese é a verdadeira porque, oh, meu pobre e velho amigo Harry Jekyll! Se alguma vez vi num rosto a marca de Satanás foi de certeza no do teu novo amigo".

Dobrando a esquina da ruela, havia uma praça de lindas casas antigas, a maior parte das quais sem o brilho do seu passado esplendoroso, que se alugavam agora por pisos e

quartos a pessoas de toda a classe e condição: gravadores, arquitetos, advogados de causas duvidosas e representantes de empresas obscuras. Contudo, uma das casas, a segunda a contar da esquina estava ocupada por um único inquilino; foi diante da sua porta, que possuía um ar de riqueza e comodidade, ainda que quase oculta pela obscuridade, sem outra luz que a janela, que Utterson parou e bateu. Um criado bem vestido e de idade avançada abriu-lhe a porta.

– O Dr. Jekyll está em casa, Poole? – perguntou o advogado.

– Vou ver, Mr. Utterson – respondeu Poole, fazendo passar o visitante para um amplo e confortável salão de teto baixo, de chão alcatifado, aquecido (como as casas de campo) por um fogo crepitante de uma lareira e mobiliado com luxuoso móveis de carvalho.

– Importa-se de esperar aqui junto da lareira, ou prefere que acenda as luzes da sala de jantar?

– Pode ser aqui mesmo, obrigado – disse o advogado; depois, aproximou-se da chaminé e apoiou-se no lambrim. Aquele salão em que agora se encontrava era o local favorito do seu amigo doutor Jekyll e o próprio Utterson costumava falar dele como sendo o aposento mais agradável de Londres. Porém, nessa noite, sentia um calafrio a percorrer-lhe as veias. O rosto de Hyde não lhe saía da lembrança. Experimentou (coisa rara em si) náusea e aversão pela vida e, no recôndito do seu espírito, pareceu ver uma ameaça no trêmulo reluzir das chamas sobre a superfície lisa dos móveis e no agitado dançar das sombras no teto. Quando Poole regressou pouco depois para comunicar que o Dr. Jekyll havia saído, sentiu-se envergonhado pela sensação de alívio de que foi tomado.

– Vi Mr. Hyde a entrar pela porta da antiga sala de dissecação, Poole. Isso acontece quando o Dr. Jekyll não se encontra em casa.

– Sem dúvida, Mr. Utterson – replicou o criado. – Mr Hyde tem uma chave.

– Parece-me, Poole, que o seu patrão confia em demasia nesse jovem – prosseguiu, pensativo.

– Sim, senhor, é verdade. Todos recebemos ordem para lhe obedecer.

– Julgo que nunca me encontrei com Mr. Hyde, Poole – disse Utterson.

– Oh, não, senhor! Ele nunca janta cá – respondeu o mordomo. – Claro que nós mesmos vemo-lo muito pouco nesta parte da casa; em geral, entra e sai pelo laboratório.

– Então, boas-noites, Poole.

– Boas-noites, Mr. Utterson.

O advogado dirigiu-se para sua casa triste e com o coração apertado.

"Pobre Harry Jekyll", pensou, "receio que esteja em apuros! Teve uma juventude desordenada, claro que há muito tempo, mas perante a lei de Deus a sua responsabilidade não se extinguiu. Tem de ser isso: o fantasma de algum velho pecado, o cancro de alguma desonra oculta, o castigo que chega, *pede claudo*, anos depois da memória o ter esquecido e o amor próprio haver condenado o deslize".

Alarmado com a ideia, o advogado Utterson pensou com tristeza um pouco no seu próprio passado, procurando em todos os recantos da memória, com receio que alguma antiga iniquidade saltasse inopinadamente à luz do dia, como um boneco de molas a pular do interior de uma caixa de surpresas. Mas o seu passado era limpo e intocável. Poucos homens poderiam ler a história das suas vidas com menos apreensão que ele próprio. Contudo, envergonhou-se profundamente pelas muitas coisas más que havia praticado e sentiu que dentro de si crescia uma gratidão serena e temerosa pelas muitas outras que estivera a ponto

de cometer e que, apesar de tudo, lograra evitar. Nesse momento, voltou a pensar no primeiro assunto e julgou ver um raio de esperança.

"Este Mr. Hyde – se o pudesse investigar detidamente tem de possuir os seus próprios segredos que, a julgar pelo seu aspecto, devem ser muito negros e junto dos quais o pior crime do pobre Jekyll deve ser como a luz do Sol. As coisas não podem continuar assim. Dá-me calafrios só de pensar nessa criatura a deslizar como um ladrão até junto da cabeceira do leito de Harry! Pobre Harry, que despertar! E o perigo que corre! Porque se esse tal Hyde suspeita da existência do testamento, pode começar a ficar impaciente por o herdar. Tenho de o ajudar. Se Jekyll me permitir fazer alguma coisa..."

E uma vez mais viu na sua imaginação, tão claras como num filme, as estranhas cláusulas do testamento.

O TESTAMENTO DO DR. JEKYLL

Quinze dias mais tarde, por um desses acasos da sorte, o doutor convidou para um dos seus agradáveis jantares, uns cinco ou seis velhos companheiros de diversões, todos eles inteligentes, de toda a confiança e excelentes apreciadores de bom vinho. Utterson conseguiu ficar a sós com o último depois de todos os outros convidados terem partido. Isso não era nenhuma novidade, mas antes algo que já havia sucedido muitíssimas vezes, porque quem estimava Utterson, estimava-o de verdade. Os seus anfitriões tinham prazer na companhia do recatado advogado, quando os brincalhões e os charlatães do grupo estavam já de saída. Agradava-lhes ficar um pouco mais na sua discreta companhia, exercitando a solidão, serenando as mentes com o rico silêncio daquele homem, após os excessos da noite de festa. O Dr. Jekyll não era exceção a esta regra. Era um homem na casa dos cinquenta anos, grande, forte, de rosto delicado, com uma expressão algo astuta, talvez, mas em que todos os traços revelavam a sua capacidade e bondade. E durante o tempo em que esteve sentado diante da lareira, podia ver-se no seu aspecto que nutria por Utterson um afeto profundo e sincero.

– Há já algum tempo que tenho querido falar contigo, Jekyll – começou o advogado. – Recordas-te do teu testamento?

Qualquer observador vizinho poderia ter pensado que o assunto era desagradável, mas o doutor enfrentou-o alegremente.

– Meu pobre Utterson – disse –, não tens tido muita sorte com um cliente como eu. Nunca vi um homem tão angustiado como tu ao ler o meu testamento, a não ser esse pedante do Lanyon, tão rígido e agarrado à tradição, perante o que ele chama de "minhas heresias científicas". Sim, já sei que é boa pessoa – não necessitas de franzir a testa –, um tipo excelente e a quem devia ver mais a miúdo mas que apesar de tudo é um antiquado, um pedante, um ignorante, exibicionista e presunçoso. Nunca ninguém me decepcionou tanto como ele.

– Sabes que nunca aprovei esse documento – prosseguiu Utterson implacável, ignorando o novo tema da conversa.

– O meu testamento?... Sim, é verdade, já sei – disse o doutor com uma certa aspereza na voz. – Já mo disseste.

– Pois volto a falar-te dele – continuou o advogado. – Tenho estado a averiguar algumas coisas a respeito do jovem Hyde.

O rosto agradável do Dr. Jekyll empalideceu até mesmo nos lábios e uma sombra negra obscureceu-lhe o olhar.

– Não quero saber mais nada! – exclamou. – Julgava que tínhamos concordado em não mencionar este assunto.

– O que ouvi é abominável – assegurou Utterson.

– Isso não altera nada. Tu não compreendes a minha posição – declarou o doutor com uma certa incoerência na sua conduta. – Encontro-me numa posição difícil, Utterson; a minha posição é muito, muito estranha. É um desses assuntos que a conversa não soluciona.

– Jekyll – insistiu Utterson –, tu já me conheces: sou um homem em que podes confiar. Abre-me o coração com franqueza, tem confiança e com toda a certeza poderei arrancar-te a esse sofrimento.

– Meu bom Utterson – agradeceu o doutor –, és muito amável e muito franco e não encontro palavras para te agradecer. Acredito totalmente em ti. Confio em ti acima de qualquer outra pessoa; mais do que em mim próprio, se tivesse de escolher. Claro que não é o que imaginas. Não, as coisas não são tão más como pensas. E só para tranquilizar o teu bom coração, dir-te-ei uma coisa: posso livrar-me de Mr. Hyde no momento em que bem o desejar, prometo-te. Agradeço-te de novo. Só mais uma palavra, Utterson e tenho a certeza de que não me interpretarás erradamente: este é um assunto pessoal e rogo-te que não te esqueças disso.

Utterson refletiu um pouco, fitando o lume da lareira.

– Tens naturalmente toda a razão – disse por fim, pondo-se de pé.

– Já que tocamos neste assunto, e espero que pela última vez – prosseguiu o doutor –, há um ponto que gostaria que compreendesses: realmente, tenho um grande interesse pelo pobre Hyde. Sei que já o viste; ele também mo disse e receio que tenha sido muito indelicado contigo. Contudo, digo-te com toda a sinceridade que o meu interesse por este jovem é enorme. E se eu morrer, Utterson, quero que me prometas que terás paciência com ele e que te encarregarás de fazer valer os seus direitos. Creio que o farias convencido, se soubesses tudo e seria um grande alívio para mim se mo prometesses.

– Não posso fingir dizendo-te que simpatizo com ele – asseverou o advogado.

– Não te peço isso – suplicou Jekyll, pegando-lhe no braço. – Só peço justiça; só te peço que o ajudes por mim, quando eu já não fizer parte deste mundo.

Utterson não pode reprimir um suspiro.

– Está bem – disse. – Prometo-te.

O CASO DO HOMICÍDIO DE CAREW

Aproximadamente um ano depois, a 18 de Outubro, a cidade de Londres foi abalada por um crime de singular ferocidade, ainda mais notável pela elevada posição social da vítima. Os detalhes conhecidos eram poucos, mas surpreendentes.

Uma criada que vivia sozinha numa casa não muito distante do rio, subira para o seu quarto no piso superior por volta das onze, para se deitar. Embora a neblina envolvesse a

cidade pela madrugada, a noite estava límpida e a rua para a qual dava a janela da donzela mostrava-se iluminada pela lua cheia. Parecia ser uma mulher de natureza romântica e sentou-se numa arca colocada precisamente debaixo da janela, entregando-se distraída aos seus devaneios. Nunca (costumava ela dizer, com lágrimas nos olhos, quando se referira àquela experiência) se havia sentido mais em paz com o gênero humano nem pensado no mundo com maior bondade. Enquanto ali se conservava sentada, reparou que um cavalheiro idoso de presença agradável e cabelos brancos se aproximava pela viela. Outro homem de estatura baixa, a quem a princípio prestou menos atenção, avançava ao seu encontro. Quando ambos se encontravam, à distância de trocar palavra (coisa que ocorreu precisamente debaixo da janela), o mais idoso fez uma saudação e aproximou-se do outro com um elegante gesto de cortesia. Não lhe pareceu que o tema da conversa fosse de grande importância: na realidade, pela sua forma de apontar o dedo, parecia que era sua intenção apenas perguntar qual o caminho que devia tomar. Era agradável contemplar como a lua brilhava no seu rosto enquanto falava; um rosto que respirava uma inocente amabilidade e, ao mesmo tempo, uma certa altivez também, como uma bem fundada autoconfiança. Naquele instante, sem querer, fitou o olhar no outro personagem e qual não foi a sua surpresa ao reconhecer nele um tal Mr. Hyde, que certa ocasião havia visitado o seu patrão e pelo qual já então sentira grande aversão. Trazia na mão uma grossa bengala que agitava nervoso. Não disse uma única palavra e parecia escutar com uma mal reprimida impaciência.

De repente, irrompeu numa explosão de cólera, começou a bater com os pés no chão, a brandir o bastão e a atuar (segundo o que a criada descreveu) como um louco. O cavalheiro idoso deu um passo atrás, com um gesto de enorme surpresa e um tanto ofendido. Nesse momento, Mr. Hyde perdeu por completo o controlo e atacou-o derrubando-o. Um instante depois, com a fúria de um símio selvagem, punha-se a espezinhar a vítima, descarregando sobre ela uma tal chuva de golpes que se podia ouvir o estalar dos ossos a quebrar-se e o corpo a rebolar pelo empedrado da rua. Perante o horror de semelhante cena e daqueles sons, a rapariga desmaiou.

Eram duas da madrugada quando recuperou os sentidos e chamou a polícia. O assassino havia-se escapado há já muito tempo, mas ali estava estendida a sua vítima no meio da rua, incrivelmente desfeita. O varapau com que ele havia cometido o crime, embora de madeira pouco comum, muito forte e pesada, partira-se ao meio, estilhaçado e ficara junto da valeta próxima, perto do passeio – a outra metade o homicida devia tê-la levado sem dúvida consigo. Na vítima, encontraram uma carteira e um relógio de ouro, mas nem um único documento ou cartão de identificação, exceto um sobrescrito selado e lacrado que, provavelmente, transportava até ao correio e que se encontrava endereçada a Mr. Utterson.

Na manhã seguinte, levaram a carta ao advogado ainda este não se havia levantado da cama e mal a viu e foi informado das circunstâncias do caso, com um gesto grave e firme comentou:

– Não direi nada enquanto não tiver visto o cadáver; isto pode ser muito grave. Tenham a amabilidade de esperar enquanto me visto.

Com o mesmo semblante sério ingeriu rapidamente o pequeno-almoço e partiu de carro para a esquadra da polícia, para onde o cadáver havia sido entretanto levado. Logo que entrou na cela onde se encontrava, acenou com a cabeça.

– Sim, estou a identificá-lo – disse. – E lamento informar que se trata de Sir Danvers

Carew.

– Meu Deus! – exclamou o oficial. – Será possível? – E de imediato se lhe iluminaram os olhos de ambição profissional.

– Isto vai provocar um grande escândalo – continuou. – Talvez o senhor nos possa ajudar a encontrar esse homem. – E em poucas palavras, contou-lhe o que a criada havia visto e mostrou-lhe a bengala partida.

O nome de Hyde na boca do polícia fê-lo estremecer, mas quando viu diante de si a bengala, ficou sem qualquer dúvida: embora partida e amachucada, reconheceu a bengala que ele próprio havia oferecido a Henry Jekyll há já muitos anos atrás.

– Esse Mr. Hyde é um homem de baixa estatura? – perguntou Utterson.

– Especialmente baixo, sim, e com um aspecto particularmente cruel, segundo disse a criada – respondeu o oficial.

Utterson ficou uns instantes pensativo e depois, erguendo a cabeça, disse:

– Se o senhor quiser vir comigo no carro, poderei levá-lo a sua casa.

Então eram já quase nove horas da manhã e apareciam as primeiras neblinas da estação. Um grande manto cor de chocolate cobria o céu, mas o vento soprava constante e punha em fuga desordenada aqueles vapores que se agrupavam como para uma batalha. Enquanto o carro avançava lentamente de rua em rua, Utterson contemplou um maravilhoso número de tons e matizes do crepúsculo; aqui e ali, uma escuridão como o do anoitecer, uma luz de uma cor viva e intensa como a do fogo de um incêndio e mais adiante a neblina dissipava-se totalmente e um brilhante raio de luz do dia cintilava no meio dos redemoinhos e espirais das nuvens.

O bairro sombrio do Soho, vislumbrado sob aquele cambiante de luzes, com as suas ruas cobertas de lodo, as pessoas andrajosas e sujas e os seus candeeiros que ou não haviam sido apagados ou tinham sido acendidos de novo para combater aquela nova e lúgubre invasão das trevas, parecia aos olhos do advogado um bairro de alguma cidade de pesadelo. Os seus pensamentos eram, de resto, dos mais lúgubres e quando ocasionalmente fitava o seu companheiro de viagem, tinha consciência de que sentia o contacto desse terror pela lei e pelos seus agentes que, por vezes, pode assaltar o mais honesto dos homens.

Quando o carro parou diante da morada indicada, a neblina dissipara-se um pouco, deixando ver uma rua escura, com uma taberna, autêntico palácio da genebra, um restaurante francês barato, uma casa de pasto, muitas crianças maltrapilhas acocoradas nos portais e inúmeras mulheres de diferentes nacionalidades que, com a chave de casa na mão, saíam para o primeiro contacto com a manhã. Um momento mais tarde, a neblina pousava de novo, tão negra como a fuligem, sobre aquele ponto da cidade, isolando-o daquele infame ambiente. Era aí que morava o protegido de Henry Jekyll, um homem que era herdeiro de um quarto de milhão de libras esterlinas.

Uma velha de rosto macilento e cabelos louros abriu-lhes a porta. Tinha uma expressão de malvadez, suavizada talvez pela hipocrisia, mas os seus modos eram delicados. Sim, disse tratar-se da casa de Mr. Hyde que, contudo, não se encontrava presente. Na noite passada, havia chegado muito tarde, mas em menos de uma hora saíra de novo. Não, isso não era coisa rara! Os seus hábitos eram bastante irregulares e ausentava-se com frequência. Por exemplo, até ontem havia dois meses que não o via.

– Muito bem. Nesse caso, desejaríamos ver os seus aposentos – disse o advogado. E como a mulher começasse a dizer que tal não era possível, acrescentou: – é melhor a senhora

saber quem é este cavalheiro que me acompanha. Trata-se do Inspetor Newcomen da Scotland Yard.

Um trejeito de infame alegria aflorou ao rosto da mulher.

– Ah! – exclamou. – Meteu-se em apuros, hein? Que fez ele?

Utterson e o inspetor trocaram um breve olhar.

– Não nos parece um tipo muito popular – observou o segundo. – E agora, minha boa senhora, permita-nos que eu e este cavalheiro passemos uma busca.

De toda a casa, apenas habitada pela velha, Mr. Hyde não havia utilizado mais do que um par de quartos que estavam mobiliados com luxo e bom gosto. Havia um armário cheio de vinhos; a baixela era de prata, a decoração elegante; um bom quadro emoldurava a parede – presente, supôs Utterson, de Henry Jekyll, que era muito entendido na matéria – e as alcatifas eram espessas e de cores agradáveis. Contudo, nesse momento tudo isso tinha o aspecto de ter sido recentemente remexido de cima abaixo e apressadamente. A roupa estava espalhada pelo solo, com os bolsos revirados do avesso e na lareira havia um montão de cinzas como se houvessem estado a queimar muitos papéis. De entre estes, o inspetor desenterrou a matriz de um livro de cheques de cor verde que havia resistido à ação do fogo. Atrás da porta, encontraram a outra metade da bengala; isto confirmava as suas suspeitas e o oficial reconheceu que estava encantado com a descoberta. Uma visita ao banco, onde averiguaram que havia vários milhares de libras na conta do assassino, encheu de satisfação o policial.

– O senhor pode estar certo de uma coisa – disse o advogado. – Tenho-o nas minhas mãos. Ele deve ter perdido a cabeça, caso contrário nunca teria deixado aqui a bengala nem, além do mais, teria queimado o livro de cheques. O dinheiro pode ser coisa de vida ou de morte para esse homem! Basta esperar que apareça no banco para lhe apresentar o mandato de captura.

Contudo, isso não se revelou de fácil realização. Mr. Hyde contava com muito poucos amigos ou conhecidos – o próprio patrão da criada testemunha do crime só o havia visto um par de vezes – e em nenhuma parte se conseguiu encontrar rasto da família. Nunca fora fotografado e os poucos que conseguiram descrevê-lo diferiam consideravelmente uns dos outros, como é frequente entre observadores não profissionais. Apenas estavam de acordo num ponto: a obsessiva sensação de deformidade inexplicável que o fugitivo deixou gravada na memória de quantos o haviam observado.

A CARTA DE MR. HYDE

Anoitecia quando Utterson chegou a casa do Dr. Jekyll. Poole abriu-lhe de imediato a porta e conduziu-o escadas abaixo pela cozinha e através de um pátio que noutro tempos fora um jardim, até ao edifício que era designado indistintamente pelo nome de laboratório ou sala de dissecação. O doutor havia comprado a casa aos herdeiros de um cirurgião célebre e como o seu gosto pessoal se inclinava mais para a química do que para a anatomia, tinha alterado o piso primitivo do bloco construído ao fundo do jardim. Era a primeira vez que o seu amigo Jekyll o recebia naquela parte da vivenda e o advogado contemplou com curiosidade o tétrico edifício sem janelas; uma vez lá dentro, lançou um olhar à sua volta e experimentou uma

desagradável sensação de estranheza ao cruzar a sala, anteriormente recheada de estudantes inquietos e agora vazia e silenciosa, as mesas abarrotadas de aparelhos de química, o solo coberto de palha e caixas de embalagens abertas e a luz descendo debilmente através de uma cúpula sombria. No outro extremo da sala, um lanço de escadas dava para uma porta tapada por um reposteiro vermelho e por ela entrou finalmente no gabinete do doutor. Era um aposento amplo, rodeado de armários de vidro e mobiliado, entre outras coisas, com um espelho de corpo inteiro e uma escrivaninha; tinha três janelas sujas de pó e gradeadas que davam para a sala. A lareira estava acesa e junto da chaminé havia uma lâmpada a funcionar, pois a espessa neblina começava a estender-se pelo interior das casas. Ali, junto do calor do lume, estava sentado o Dr. Jekyll, que parecia extremamente enfermo. Não se levantou para ir receber o seu visitante, antes estendeu uma mão gelada e saudou-o com uma voz irreconhecível.

Assim que Poole os deixou a sós, Utterson perguntou:

– Soubeste as novidades?

O doutor estremeceu.

– Os ardinas têm estado a apregoá-la na praça – respondeu. – Ouvi-os na sala de jantar.

– Só quero dizer-te uma coisa – acrescentou o advogado. – Carew era um cliente meu, mas também tu o és e quero saber como proceder. Não terás sido suficientemente louco em ocultar aquele fulano?

– Utterson, tomo Deus por testemunha – exclamou com um grito. – Juro-te que nunca mais voltarei a vê-lo. Dou-te a minha palavra de honra que cortei com ele. Tudo já acabou. Claro que ele não precisava da minha ajuda. Tu não o conheces como eu. Ele está fora de qualquer perigo, completamente a salvo. Presta atenção às minhas palavras: nunca mais se voltará a ouvir falar nele.

O advogado escutava com tristeza. Não estava a gostar da exaltação febril do amigo.

– Pareces estar muito seguro do que afirmas – disse. – Para teu próprio bem, espero que tenhas razão. Se o caso for a julgamento, poderás ter de ser citado.

– Estou plenamente convencido – replicou Jekyll. – Tenho razões, a certeza total, mas não posso compartilhá-las com ninguém. Há uma coisa sobre a qual me podes aconselhar. Recebi uma carta e não sei se devo entregá-la à polícia. Gostava de deixar este assunto nas tuas mãos, Utterson. Tenho a certeza de que o resolverás como deve ser. Deposito toda a confiança em ti.

– Suponho que receias que esta carta dê lugar à sua detenção? – perguntou o advogado.

– Não – respondeu ele. – Não estou preocupado com o que possa acontecer a Hyde. Cortei por completo com ele. Estive a pensar na minha própria reputação, que este odioso assunto já desonrou o suficiente.

Durante alguns instantes, Utterson meditou naquelas palavras. A autoconfiança do amigo surpreendia-o e tranquilizava-o ao mesmo tempo.

– Muito bem – disse por fim. – Deixa-me ver essa carta.

A missiva estava escrita com uma letra singular, muito vertical e terminava com a assinatura "Edward Hyde". De um modo bastante conciso, dava a conhecer ao seu benfeitor, o Dr. Jekyll, a quem tão indignamente havia pago a sua infinita generosidade, que não tinha que se preocupar com a sua segurança, porque ele possuía meios para escapar, nos quais confiava plenamente. O advogado gostou bastante desta carta: dava àquela estreita amizade um melhor

aspecto do que esperava e recriminou-se por algumas das suas suspeitas passadas.

– Tens contigo o sobrescrito? – perguntou.

– Queimei-o sem querer – respondeu Jekyll. – Mas não trazia selo. Foi entregue em mão.

– Queres que a guarde e reflita sobre ela? – perguntou Utterson.

– Quero que decidas por mim – foi a resposta. – Perdi a confiança em mim próprio.

– Está bem, vou pensar no assunto – continuou o advogado. – Uma pergunta mais: foi Hyde quem ditou os termos do testamento sobre o teu possível desaparecimento?

Jekyll esteve prestes a desmaiar ou, pelo menos, assim lho pareceu. Apertou com força os lábios e fez que sim com a cabeça.

– Já o calculava – disse Utterson. – Propunha assassinar-te. Tiveste muita sorte em escapar.

– Aprendi algo de muito mais importante – declarou solenemente o doutor. – Aprendi uma lição. Santo Deus, Utterson, que lição!

E ocultou o rosto entre as mãos durante uns breves instantes.

O advogado deteve-se ao sair e trocou duas palavras com Poole.

– Certamente, Poole – disse-lhe – que trouxeram hoje uma carta em mão. Que aspecto tinha o correio?

O mordomo, contudo, disse estar certo de que nada havia chegado, a não ser o carteiro.

– E eram apenas circulares – acrescentou.

Esta última informação fê-lo sair com todos os seus temores renovados. Era evidente que a carta havia chegado pela porta do laboratório. Até era possível que tivesse sido escrita no gabinete. Se assim fosse, tinha que analisá-la de modo diferente e abordar o assunto com a maior das cautelas. Enquanto caminhava, ouviu os ardinas a apregoar até enrouquecer:

– Edição especial! O horrível assassínio de um membro do Parlamento!

Aquela era a oração fúnebre de um amigo e cliente e não conseguiu deixar de sentir um certo temor de que o bom nome do outro amigo fosse também envolvido no redemoinho do escândalo. A decisão que tinha de tomar era, quando menos, delicada e, embora por uso e costume fosse um homem seguro de si próprio, começou a abrigar o desejo de se aconselhar com alguém; contudo, pensou que talvez fosse possível lográ-lo com uma certa astúcia e prudência.

Pouco depois, estava sentado em sua casa ao lado da lareira com Mr. Guest, o seu secretário; à sua frente, situado a meio caminho de ambos, uma garrafa de vinho velho especial que durante muito tempo guardara na garrafeira. Lá fora, o nevoeiro continuava a dominar a cidade, onde os lampiões brilhavam com uma luz trêmula, como pirilampos e, através daquelas nuvens baixas que a envolviam e sufocavam, a vida urbana prosseguia a correr pelas grandes artérias com um ruído semelhante ao de um vento impetuoso. Mas na casa, o resplendor do fogo tudo alegrava; na garrafa, os ácidos tinham-se dissipado havia muito tempo, o vermelho púrpura tinha-se suavizado e, como a cor dos vitrais, havia-se enriquecido com os anos e o brilho das tardes frescas de Outono nas vinhas da ladeira estava prestes a ser posto em liberdade e a dispersar assim a neblina londrina. Inconscientemente, o advogado começava a comover-se. Não havia ninguém em quem podia confiar mais do que Guest e nem sempre estava seguro de lhe ter ocultado tudo quanto houvera desejado. Guest tinha estado com frequência em casa de Jekyll por causa de assuntos profissionais; conhecia

Poole e seria de estranhar que não tivesse tido conhecimento da familiaridade com que Hyde era tratado na casa; poderia até ter já tirado as suas próprias conclusões. Nesse caso, não seria conveniente que visse a carta que explicava aquele mistério? E dado que Guest era um grande estudioso da escrita e um apaixonado pela grafologia, não consideraria a consulta natural e até elogiosa? Ademais, o seu secretário era um homem que sabia dar um bom conselho; seria muito estranho que lesse o documento sem fazer algum comentário que o pudesse ajudar a determinar o seu proceder futuro.

– Este assunto de Sir Danvers é lamentável – disse ele.

– Também o creio. Despertou uma grande indignação na opinião pública – respondeu Guest. – Esse homem devia estar louco.

– Gostava de saber a sua opinião sobre este assunto – prosseguiu Utterson. – Tenho aqui um documento escrito pelo seu punho, mas que isto fique entre nós, porque na realidade não sei o que fazer; na melhor das hipóteses, é uma questão muito desagradável. Aí o tem. Algo de totalmente relacionado com a sua paixão: o autógrafo de um assassino.

Os olhos de Guest iluminaram-se e de imediato pôs-se a estudar com entusiasmo o documento.

– Não, Mr. Utterson – disse por fim. – Não é de louco, mas antes uma letra estranha.

– Pelo que todos dizem, o autor é também muito estranho – acrescentou o advogado.

Nesse preciso instante, entrou um criado com um recado.

– É do Dr. Jekyll? – perguntou Guest. – Pareceu-me reconhecer a sua letra. Algo de confidencial, Mr. Utterson?

– Apenas um convite para ir jantar. Por quê? Quer vê-lo.

– Um momento, por favor. Obrigado, senhor Utterson.

O secretário colocou as duas folhas de papel uma ao lado da outra e comparou rapidamente o conteúdo de ambas.

– Mais uma vez, muito obrigado – disse ele devolvendo os dois papéis. – É um autógrafo muito interessante.

Fez-se silêncio durante o qual Mr. Utterson lutou consigo próprio.

– Porque as comparou, Guest? – perguntou de repente.

– Bem, é que possuem uma semelhança singular; em muitos aspectos, as duas escritas são idênticas. Só se diferenciam na inclinação das letras.

– Bastante curioso, não? – exclamou Utterson.

– Como o senhor diz, é bastante curioso – assentiu Guest.

– Sabe, Guest, gostaria que guardasse segredo sobre esta carta – comentou o advogado.

– Esteja descansado – afirmou o secretário. – Compreendo-o perfeitamente.

Mal ficou sozinho nessa noite, Utterson guardou a carta no cofre, onde permaneceria desde aquele dia em diante. “Como é possível”, pensou. “Henry Jekyll a falsificar por causa de um assassino!”. E sentiu o sangue a gelar-se-lhe nas veias.

A MORTE DO DR. LANYON

Os dias passaram. Ofereceram-se milhares de libras de recompensa, pois a morte de

Sir Danvers foi sentida como uma injúria pública. Mas Hyde havia desaparecido, estava fora do alcance da polícia, como se nunca tivesse existido. Grande parte do seu passado foi desenterrado e tudo se revelou horrível: saíram à luz uma infinidade de histórias sobre a crueldade daquele homem, tão insensível como violento, a sua vida infame, as estranhas amizades, o ódio que parecia haver rodeado a sua existência; mas do seu paradeiro atual, nem um rumor. A partir do momento em que abandonou a casa no Soho na madrugada do crime, desvanecera-se por completo.

A pouco e pouco, à medida que o tempo passava penosamente, o advogado Utterson começou a recompor-se da sua inquietação e a sentir-se mais tranquilo consigo mesmo. Em seu entender, a morte de Sir Danvers estava mais que compensada com o desaparecimento de Mr. Hyde. Afastado então daquela funesta influência, o Dr. Jekyll começou uma nova vida. Saiu do seu retiro, recuperou as relações com os amigos, voltou a ser outra vez seu hóspede ou anfitrião habitual e se até então havia sido conhecido pelas suas obras de beneficência, agora não se distinguia menos pela sua devoção. Estava sempre muito atarefado, fazia muito exercício ao ar livre e todo o bem que podia. O seu rosto parecia radiante e aliviado, como se no seu íntimo tivesse a consciência de ser útil. E durante mais de dois meses viveu em paz.

No dia 8 de Janeiro, Utterson comeu em casa do doutor com um pequeno grupo de convidados; Lanyon esteve também presente. O anfitrião olhava de um para o outro, como nos velhos tempos, quando os três eram amigos inseparáveis. Mas no dia 13, e novamente a 14, o advogado deu de caras com a porta fechada.

– O doutor está recolhido nos seus aposentos – disse-lhe Poole – e não quer receber ninguém.

No dia 15, voltou a procurá-lo e de novo foi-lhe negada a entrada. Habituado durante os dois últimos meses a ver quase diariamente o seu amigo, ficou chocado com este seu regresso à solidão. Cinco dias depois, convidou Guest a jantar consigo e ao sexto dirigiu-se a casa do Dr. Lanyon. Ali, pelo menos, a entrada não lhe era negada, mas ao encontrar-se com ele, admirou-se com a alteração que ocorrera com o aspecto do doutor. Na cara trazia escrita a sua sentença de morte. O homem de rosto rosado havia agora empalidecido, estava visivelmente mais magro, mais calvo e mais velho, mas o que mais chamou a atenção do advogado não foram tanto estes sinais de repentina decadência física, mas antes o semblante daqueles olhos e algo na conduta do seu amigo que parecia testemunhar o terror profundamente arreigado no seu espírito. Era pouco provável que o doutor tivesse medo da morte e, no entanto, foi precisamente disso que Utterson foi tentado a suspeitar. “Ele é médico”, pensou, “e deve conhecer o seu estado de saúde, sabe que tem os dias contados e esse conhecimento é mais do que aquilo que pode suportar”. Porém, quando Utterson lhe fez uma observação sobre o seu mau aspecto, Lanyon reconheceu com grande firmeza que era um homem condenado à morte.

– Sofri um choque emocional de que jamais recuperarei – disse. – É tudo questão de semanas. Mas tudo bem! A vida tem sido agradável. Desfrutei dela, sim senhor, mas às vezes penso que se a conhecêssemos bem, ficaríamos satisfeitos por escapar a este mundo.

– Jekyll está também enfermo – observou Utterson. – Tem-no visto?

O semblante de Lanyon mudou de cor. Levantou uma mão trêmula e disse em voz alta e entrecortada.

– Não quero ver nem ouvir falar do Dr. Jekyll. Cortei totalmente com essa pessoa e rogo-te que me evites qualquer alusão a um indivíduo que, no que me diz respeito, está morto.

– Então, vamos lá... – disse Utterson, fazendo um gesto de reprovação, ao que se seguiu um longo silêncio. – Há alguma coisa que eu possa fazer, Lanyon? – perguntou. – Nós os três somos velhos amigos e já não temos tempo para fazer novas amizades.

– Não há nada a fazer – foi a resposta do doutor. – Pergunta-lhe.

– Ele não quer ver-me – afirmou o advogado.

– Isso não me surpreende. Um dia destes, Utterson, depois de eu já ter morrido, talvez venhas a descobrir a verdade e a mentira de todo este assunto. Mas não to posso revelar agora. Entretanto, se és capaz de te sentar e falar de outras coisas, por amor de Deus, fica e fá-lo, mas se não podes evitar deixar de falar desta maldita história, então, em nome de Deus, vai-te embora, porque não posso suportá-la.

Ao chegar a casa, Utterson sentou-se à mesa e escreveu uma carta a Jekyll, queixando-se de não ser recebido e perguntando-lhe qual a causa da sua ruptura com Lanyon. No dia seguinte, recebeu uma volumosa resposta, redigida com palavras muitas das vezes patéticas, e outras revestidas de um significado misterioso.

A disputa com Lanyon era irremediável. "Não culpo o nosso velho amigo", escrevia Jekyll, "mas partilho a sua opinião de que não nos devemos ver mais. A partir de agora, pretendo levar uma vida de extremo recolhimento. Não deves surpreender-te nem duvidar da minha amizade se com frequência a minha porta estiver fechada inclusive para ti. Tens de permitir que eu siga o meu próprio e obscuro caminho, porque atraí sobre mim um castigo e um perigo que nem sequer posso mencionar. E se sou o maior dos pecadores, sou também a maior das vítimas. Nunca imaginei que neste mundo houvesse lugar para tantos sofrimentos e tanto terror. Só há uma coisa que podes fazer, Utterson para tornares menos pesado este destino: respeitar o meu silêncio".

O advogado ficou estupefato. A tenebrosa influência de Hyde havia desaparecido e o doutor havia regressado às tarefas e amizades do passado. Apenas uma semana atrás, o futuro sorria-lhe com a promessa de uma velhice alegre e honrada e agora, num momento, a amizade, a tranquilidade do seu espírito e a sua vida inteira iam a pique. Uma mudança tão importante e inesperada parecia indício de loucura mas, ao recordar-se da atitude e das palavras de Lanyon, devia haver alguma razão mais profunda.

Uma semana depois, o Dr. Lanyon caiu enfermo de cama e em menos de quinze dias morria. Após o enterro, Utterson visivelmente afetado e cabisbaixo com o sucedido, fechou-se à noite no seu escritório e, à luz da chama melancólica de uma vela, colocou à sua frente um sobrescrito selado e lacrado e escrito pelo punho do seu defunto amigo: "PESSOAL: para ser entregue em mãos UNICAMENTE a J. G. Utterson; caso ele morra antes de mim, deve ser destruído sem ser lido". Era tal a ênfase daquelas palavras que o advogado temeu examinar o seu conteúdo. "Hoje enterrei um amigo" pensou. "E se isto me custar a perda de outro?" De imediato compreendeu que aquele medo era uma deslealdade e quebrou o selo. Dentro, havia outra carta anexa, ela também selada, com a seguinte inscrição no dorso: "Abrir apenas depois do falecimento ou desaparecimento do Dr. Henry Jekyll". Utterson não podia crer no que viam os seus olhos. Desaparecimento, de novo aquela palavra, tal como no testamento; sim, como naquele disparatado testamento que há já algum tempo tinha devolvido ao seu autor. Aqui e agora, a ideia de um desaparecimento e o nome de Henry Jekyll apareciam outra vez estreitamente unidos. Mas no testamento tal ideia nascera da sinistra sugestão hipnótica daquele indivíduo, Hyde, e estava ali colocada com um propósito tão evidente como horrível.

Escrito por Lanyon, porém, que significava? Uma enorme curiosidade apoderou-se dele: quem lhe dera não ser o depositário da carta, olvidar a proibição e mergulhar de uma vez por todas até ao fundo daquele mistério, mas a ética profissional e a fidelidade ao amigo desaparecido eram obrigações inultrapassáveis, pelo que colocou o sobrescrito no recanto mais secreto do seu cofre.

Mas uma coisa era mortificar a curiosidade e outra vencê-la e duvido que a partir de agora, Utterson desejasse a companhia do seu amigo com a mesma ilusão que anteriormente. Sim, pensava nele com afeto, mas também com inquietação e temor. Claro que ia visitá-lo, mas sentia-se aliviado quando por vezes lhe negavam a entrada. Talvez no mais íntimo do coração preferisse conversar com Poole à soleira da porta, sentindo o ar e os ruídos da cidade ao seu redor, que entrar naquela casa de cativeiro voluntário e sentar-se a falar com o seu inescrutável recluso. De resto, Poole nunca tinha notícias muito agradáveis a contar-lhe. Parecia-lhe que o doutor se encerrava agora mais do que nunca no gabinete do laboratório, onde de resto chegava a dormir algumas noites. Estava abatido, desanimado, tornara-se muito silencioso e já não lia. Era como se tivesse algo sempre presente na mente. Utterson passou a habituar-se tanto ao caráter invariável destas notícias que, a pouco e pouco, foi diminuindo a frequência das suas visitas.

A JANELA DO PÁTIO

Aconteceu num Domingo. Utterson dava o seu habitual passeio dominical com Mr. Enfield quando ambos ao percorrerem outra vez a viela, chegando à frente da porta, a fitaram com atenção.

– Bom, pelo menos essa história já terminou – disse Enfield. – Nunca mais voltaremos a ver Mr. Hyde.

– Espero que não – comentou Utterson. – Contei-te que o vi uma vez e que experimentei a mesma sensação de repugnância que tu?

– Uma coisa era impossível sem a outra – prosseguiu Enfield. – A propósito, deves ter pensado que eu era um imbecil por não haver reconhecido que esta era uma porta traseira da casa do Dr. Jekyll! E, de certo modo, foi por tua culpa eu não o ter averiguado quando o fiz.

– Então também o averiguaste? – disse Utterson. – Assim, julgo que podemos entrar no pátio e dar uma espreitadela pelas janelas. A falar verdade, estou inquieto com o pobre Jekyll e parece-me que embora cá fora na rua, a presença de um amigo pode fazer-lhe muito bem.

O pátio estava muito frio e um pouco úmido e encontrava-se já mergulhado num crepúsculo prematuro, embora no céu, lá muito acima das nossas cabeças, brilhasse o Sol poente. Uma das três janelas, a do meio, encontrava-se entreaberta e, sentado muito próximo dela, a apanhar ar, com um semblante de infinita melancolia, como um prisioneiro sem esperança, Utterson viu o Dr. Jekyll.

– Como estás, Jekyll? – gritou-lhe. – Espero que melhor.

– Encontro-me muito fraco, Utterson – respondeu o doutor com tristeza. – Muito fraco mesmo. Não resistirei muito mais tempo, graças a Deus.

– Estás demasiado tempo em casa – comentou o advogado. – Devias sair, estimular a

circulação, como eu e Enfield fazemos.

– Oh, perdão! Mr. Enfield, meu primo, o Dr. Jekyll – disse, apresentando-os. – Vamos lá, apanha o teu chapéu e vem daí dar uma volta conosco.

– São muito amáveis – respondeu Jekyll com um sussurro. – Gostaria muito, mas não, não, não, é completamente impossível. Não me atrevo. Mas folgo muitíssimo em ver-te, Utterson, acredita. É francamente um grande prazer. Convidar-te-ia a ti e a Mr. Enfield a entrar, mas o lugar não é apropriado para...

– Nesse caso – disse afavelmente o advogado –, o melhor que podemos fazer é permanecer aqui em baixo e falar contigo.

– Era precisamente isso que me ia atrever a propor – replicou o doutor, com um sorriso.

Mal estas palavras haviam sido pronunciadas, quando o sorriso lhe desapareceu do rosto, substituído por uma expressão tal de terror e desespero que gelava o sangue. Aquela abjeta visão foi momentânea, porque a janela se fechou de imediato. Mas aquele vislumbre havia sido mais do que suficiente para os dois homens, que deram meia volta e saíram do pátio sem dizer palavra. Todavia, percorreram em silêncio a viela e só depois de chegarem a uma rua vizinha, tranquila e com poucos sinais de via, inclusive aos Domingos, é que Utterson se virou para fitar o seu companheiro. Ambos estavam pálidos e nos seus olhos via-se estampado o horror.

– Deus meu! Que Deus tenha misericórdia de nós! – exclamou Utterson.

Enfield limitou-se a acenar com a cabeça, muito preocupado e continuou a caminhar em silêncio.

A ÚLTIMA NOITE

Uma noite, depois de jantar, Utterson estava sentado junto da chaminé quando foi surpreendido com a visita de Poole.

– Caramba, Poole! Que o traz por cá? – exclamou. Depois, fitando-o mais detidamente, acrescentou:

– Que se passa? O doutor Jekyll está doente?

– Mr. Utterson – respondeu o mordomo – há qualquer coisa que não bate certo.

– Sente-se e beba um copo de vinho – disse o advogado, – Agora, acalme-se e diga-me com franqueza o que se passa.

– O senhor já conhece os hábitos do doutor – respondeu Poole – e como por vezes se fecha nos seus aposentos. Pois bem, voltou a encerrar-se no gabinete e desta vez a coisa não me está a agradar. Não me agrada mesmo nada! Tenho medo, Mr. Utterson.

– Vamos lá, vamos lá, bom amigo – tranquilizou-o o advogado – Seja mais explícito. Está com medo de quê?

– Há uma semana que ando aterrorizado – prosseguiu Poole, obstinado, não fazendo caso da pergunta – e já não aguento mais.

O aspecto daquele homem corroborava amplamente as suas palavras. As suas feições haviam-se alterado e à exceção do momento em que declarara ao advogado o seu temor, não mais voltara a fitá-lo no rosto. Mesmo agora, estava sentado com o copo de vinho sem o

provar, apoiado no joelho e o olhar fixo num canto da sala.

– Não consigo aguentar mais – repetia vez após vez.

– Muito bem – disse Utterson. – Vejo que deve ter alguma boa razão para estar assim, Poole, que se passa algo de muito grave. Mas tente dizer-me o que é.

– Acho que houve ali traição – afirmou Poole com voz rouca.

– Traição! – exclamou o advogado com um grito, bastante sobressaltado e em consequência, propenso à irritação. – Que traição? Que quer dizer com isso?

– Não me atrevo a dizer-lho, senhor – respondeu o criado. – Mas importa-se de vir comigo, para ver com os seus próprios olhos?

Por única resposta, Utterson ergueu-se, pegou no sobretudo e no casaco. Quando Poole o seguiu, verificou com assombro um grande alívio refletido no rosto do mordomo que nem chegara a provar o vinho.

Era uma noite fria e tempestuosa, própria do mês de Março, com uma lua pálida que parecia arrastada pelo vento e um caos de nuvens de textura diáfana como algodão, que sulcavam velozes o céu. Aquele vento dificultava a conversa e avermelhava o rosto. De resto, parecia haver varrido as ruas, insolitamente vazias de transeuntes, a ponto de Utterson pensar jamais haver visto tão deserta aquela parte de Londres. Oxalá tivesse sido de outra forma, porque nunca antes na sua vida tinha sentido um desejo tão intenso de ver e tocar nos seus semelhantes. E embora lutasse ao máximo por o superar, sobre o seu espírito pesava o pressentimento assustador de uma calamidade.

Quando chegaram à praça, tudo era ventania e poeirada e as magras árvores do jardim curvavam-se como varas. Poole, que durante todo o caminho se conservara a um ou dois passos à frente, detinha-se agora a meio do passeio e, apesar do frio cortante, tirou o chapéu e enxugou o suor da testa com um lenço vermelho. Aquelas gotas de suor não eram consequência do esforço nem sequer da pressa da caminhada, mas antes da úmida angústia que o inundava. Tinha o rosto pálido de morte e a voz, ao falar, era áspera e entrecortada.

– Já chegamos, senhor – murmurou. – Queira Deus que nada de mal haja acontecido.

– Amém, Poole – contrapôs o advogado.

Ato contínuo, o criado bateu à porta muito ao de leve e ela abriu-se, ainda presa pela cadeia de segurança. Uma voz trêmula perguntou do interior.

– És tu, Poole?

– Sim – respondeu este. – Abram a porta.

Quando entraram, encontraram o vestíbulo totalmente iluminado, a lareira acesa e a totalidade dos criados, homens e mulheres, apinhados como um rebanho de carneiros. Ao ver Mr. Utterson, a criada rompeu num choro histérico e a cozinheira correu para ele de braços estendidos como que a abraçá-lo.

– Bendito seja Deus! – gritou. – É Mr. Utterson!

– Que se passa? Que fazem vocês aqui? – exclamou o advogado mal-humorado. – É muito "irregular", não me parece correto. E julgo que isto não agrada ao vosso patrão.

– Estão atemorizados, Mr. Utterson – disse Poole. Ninguém protestou e seguiu-se um profundo silêncio, unicamente interrompido pela voz da criada, que agora chorava com mais força.

– Cala-te – ordenou-lhe Poole num tom ríspido, que traía o estado de crispação dos seus nervos.

Na verdade, todos haviam estremecido quando a rapariga levantara bruscamente o tom da sua lamentação e viraram a cara com temerosa expectativa para a porta que dava para o interior da casa.

– Vamos lá a ver – prosseguiu o mordomo, dirigindo a palavra ao moço de cozinha –, traz-me uma lanterna e acabemos de vez com este assunto.

A seguir, pediu a Utterson que o acompanhasse e mostrou-lhe o caminho do jardim das traseiras.

– Agora, senhor– sussurrou –, siga-me tão silenciosamente como puder. Quero que o senhor escute mas sem ser ouvido. E por favor, se por casualidade ele lhe pedir que entre, não lhe obedeça.

Ante essa inesperada condição, os nervos de Utterson sofreram tal abalo que por pouco não perdia o equilíbrio, mas apelando a toda a sua coragem, seguiu o mordomo ao interior do edifício do laboratório, através da sala de cirurgia, com as suas embalagens e frascos amontoados, até junto da escada. Ali, Poole indicou-lhe com a mão que se pusesse de lado e escutasse, enquanto ele, depois de colocar no chão a lanterna, e de fazer um evidente esforço por se decidir, subia os degraus e batia um tanto hesitante na porta acolchoada a vermelho do gabinete.

– Senhor, Mr. Utterson deseja vê-lo – disse em voz alta, ao mesmo tempo que, uma vez mais, fazia sinais ostensivos ao advogado para que apurasse o ouvido.

– Diga-lhe que não quero ver ninguém – respondeu do interior uma voz queixosa.

– Obrigado, senhor – disse Poole, com um certo tom de triunfo.

Pegou de novo na lanterna e voltou a conduzir Utterson através do jardim do pátio até à enorme cozinha, onde a luz estava apagada e as baratas corriam pelo chão.

– Senhor – perguntou, fitando Utterson nos olhos –, acha que aquela era a voz do meu patrão?

– Pareceu-me muito alterada – respondeu o advogado, muito pálido, mas sem desviar os olhos.

– Alterada? Sim, claro, suponho que sim – prosseguiu o mordomo. – Mas o senhor acredita que depois de ter estado vinte anos em casa deste homem possa enganar-me a respeito da sua voz? Não, não senhor. Mataram-no! Mataram-no há oito dias, quando o ouvimos invocar aos gritos o nome de Deus e quem ali está dentro em seu lugar e porque lá permanece são perguntas que clamam aos céus, Mr. Utterson.

– Essa é uma história muito estranha, Poole; uma história bastante disparatada, caro amigo – disse Utterson mordiscando a ponta do dedo indicador. – Aceitemos por hipótese que haja acontecido o que afirma; suponhamos que o Dr. Jekyll haja sido... bom, assassinado. Que poderia induzir o assassino a permanecer aqui? Isso não é lógico; não me parece razoável.

– Bem, Mr. Utterson, o senhor é um homem difícil de ser convencido, mas apesar de tudo, tentarei – assegurou Poole. – Fique então a saber que durante a semana passada inteira ele, ou aquilo, ou seja lá o que vive nesse gabinete, esteve a clamar dia e noite por um certo tipo de remédio que não consegui arranjar. Por vezes, ele, isto é, o meu patrão, tinha o costume de escrever os recados numa folha de papel que deixava no topo da escada. Pois bem, nesta última semana, não vimos outra coisa senão papéis e uma porta fechada e até a própria comida, que deixávamos aqui fora, ele introduzia-a às escondidas, quando ninguém o via. Diariamente, sim, e até duas e três vezes no mesmo dia, choviam ordens e reclamações e

mandava-me a toda a pressa a todas as drogarias que há na cidade. E de cada vez que regressava trazendo-lhe a substância que me pedia, havia outro papel a mandar-me devolver a anterior, porque não era pura e outro pedido para uma drogaria diferente. Necessita desesperadamente dessa droga, senhor, sabe-se lá para quê.

– Tem consigo algum desses papéis? – perguntou Utterson. Poole procurou nos bolsos e retirou uma folha amachucada que entregou ao advogado; este, aproximando-se da luz da lanterna, examinou cuidadosamente o bilhete. O seu conteúdo era o seguinte: "O Dr. Jekyll apresenta os seus cumprimentos aos Srs. Maw e garante-lhes que a sua última amostra do produto solicitado é impura e, portanto, de nada serve para o fim a que se destina. No ano de mil oitocentos..., o Dr. Jekyll comprou aos Srs. Maw uma quantidade bastante importante do citado produto. Agora, pede-lhes que procurem com o máximo cuidado possível entre a sua existência e, se lhes sobrou um pouco da mesma qualidade, que lhe seja enviado imediatamente, sem olhar a gastos. Não exagero a importância que isso representa para o Dr. Jekyll". Até aqui, a carta estava redigida com bastante calma mas ao chegar a este ponto, com um repentino garatujar da pena, as emoções do autor alteravam-se: "Por amor de Deus", tinha acrescentado, "arranjem-me um pouco daquela remessa antiga".

– Que recado estranho – comentou Utterson. De seguida, acrescentou com um tom de voz severo: – E está aberta. Como explica isto?

– O empregado de Maw ficou muitíssimo irritado ao lê-la e devolveu-ma com desprezo, como se fosse algo de repugnante – respondeu Poole.

– Não há dúvida de que é a letra do doutor, não acha? – continuou o advogado.

– Assim me parece – disse o criado, algo irritado; depois, acrescentou com outro tom de voz: – Mas que importa a letra. Eu vi-o.

– Viu-o? – repetiu Utterson. – E depois?

– É verdade! – disse Poole. – Foi assim: entrei de repente no laboratório ido do jardim. Ele havia saído furtivamente para ir procurar essa droga, ou seja lá o que for, porque a porta do gabinete estava aberta e ele encontrava-se no fundo da sala, remexendo entre os caixotes das embalagens. Quando entrei, levantou os olhos, deu um grito e subiu velozmente as escadas, refugiando-se no interior do gabinete. Não o vi mais do que um instante, mas fiquei com os cabelos em pé. Senhor, se aquele era o meu patrão, porque tinha um máscara a tapar-lhe o rosto? Se aquele era o doutor, porque guinchou como uma ratazana e fugiu de mim? Tenho-o servido durante muitos anos. E neste momento...

O mordomo fez uma pausa e passou a mão pelo rosto.

– Apesar de todas essas circunstâncias que me conta serem muito estranhas, julgo que começo a ver as coisas mais distintamente – disse Utterson. – Não há dúvidas, Poole, de que o seu patrão foi assaltado por uma dessas enfermidades que ocasionalmente torturam e deformam a vítima; daí, suponho eu, a alteração da voz, a máscara e o fato de se ocultar dos amigos, bem como a sua ânsia em arranjar esse remédio, por meio do qual o pobre homem conserva ainda alguma esperança de vir a restabelecer-se. Deus queira que me engane! Essa é a minha explicação para o caso, Poole; bastante triste, sim, e espantosa, mas evidente e lógica; encaixa-se perfeitamente com os fatos e liberta-nos de todos estes exagerados temores.

– Senhor, essa coisa aí não é o meu patrão – disse o mordomo, assomando-lhe ao rosto uma intensa palidez. – É a pura verdade. – Ao chegar a este ponto, olhou à sua volta e começou a falar num sussurro: – o meu patrão é um homem alto e bem proporcionado e o tipo

que ali está dentro não passa de um anão.

Utterson tentou protestar.

– Oh, senhor – lamentou-se Poole –, acha que não conheço o meu patrão ao fim de vinte anos de serviço? Acha que não sei a que altura da porta do gabinete fica a cabeça dele, tendo-o visto ali todas as manhãs da minha vida? Não, senhor, aquela coisa com a máscara nunca foi o Dr. Jekyll. Deus sabe o que era, mas nunca o Dr. Jekyll, com toda a certeza. Creio de todo o meu coração que se praticou aqui dentro um assassínio.

– Se você afirma isso, Poole – respondeu o advogado – o meu dever é verificá-lo. Por muito que deseje não ferir os sentimentos do seu patrão, por muito perplexo que esteja com esta carta, que parece provar estar ele vivo, considero que o meu dever é forçar esta porta.

– Ah, Mr. Utterson, assim mesmo é que se fala! – exclamou o mordomo.

– E agora vem a segunda questão – prosseguiu Utterson. – Quem vai fazê-lo?

– Como? O senhor e eu, naturalmente – foi a rotunda resposta do criado.

– Muito bem, Poole – agradeceu o advogado. – Suceda o que suceder, garanto-lhe que não sairá prejudicado de tudo isto.

– Na sala de dissecação está um machado – indicou Poole. – O senhor pode levar o atiçador da cozinha.

O advogado segurou entre as mãos aquele rude e pesado instrumento e depois de lhe tomar o peso, disse erguendo os olhos:

– Dá-se conta de que nos vamos colocar numa posição um tanto perigosa?

– É verdade, senhor! – respondeu o mordomo.

– Pois bem, Poole, sejamos francos – observou Utterson. – Ambos pensamos mais do que aquilo que dissemos. Falemos com franqueza! Em relação a essa figura mascarada que você viu, reconheceu quem era?

– Bem, tudo aconteceu tão depressa e aquela criatura ia tão curvada que dificilmente o poderia jurar – confessou Poole. – Mas se com isso quer dizer que era Mr. Hyde... Pois bem, creio que era ele! Veja: tinha mais ou menos a mesma envergadura, assim como a mesma rapidez e agilidade: de resto, que outra pessoa poderia ter entrado pela porta do laboratório? Esqueceu-se, senhor que quando ocorreu o assassínio de Sir Carew, ele ainda tinha a chave? Mas isso não é tudo. Ignoro, Mr. Utterson, se alguma vez se cruzou com Mr. Hyde.

– Sim. Uma vez até falei com ele – respondeu o advogado.

– Então já deve saber, como os restantes de nós, que esse "cavalheiro" tinha algo de estranho, algo que nos impressionava. Não sei bem como descrevê-lo, senhor. É como se sentíssemos um gelo a penetrar-nos até à medula dos ossos.

– Confesso que foi um pouco isso que senti – reconheceu Utterson.

– Compreendo-o perfeitamente, senhor – prosseguiu Poole. – Quando aquela coisa mascarada saltou como um macaco de entre as embalagens de produtos químicos e se introduziu rapidamente no gabinete, um frio gelado percorreu-me a coluna. Claro, sei que isso não serve de modo nenhum como evidência, Mr. Utterson. Tenho lido o suficiente para saber isso. Mas todos nós temos os nossos pressentimentos e juro-lhe que se tratava de Mr. Hyde!

– Sim, sim. Compartilho da sua opinião e temores – disse enfaticamente o advogado. – Receio que nada de bom pode resultar dessa relação nefasta. É isso que penso. O pobre Harry foi assassinado e o seu assassino (só Deus sabe com que propósito) ainda se encontra escondido nos aposentos da sua vítima. Pois bem, vamo-nos vingar. Chame Bradshaw.

O criado acorreu ao chamamento, extremamente pálido e nervoso.

– Anime-se, Bradshaw! – exclamou o advogado. – Sei que este estado de tensão os está a afetar a todos, mas a nossa intenção é acabar com esta situação. Poole e eu vamos entrar pela força no gabinete. Se não acontecer nada, tenho os ombros suficientemente largos para arcar com toda a responsabilidade. Entretanto, se algo não correr bem ou se algum "malfeitor" pretender fugir pela porta traseira, o senhor e o moço de cozinha dêem a volta à esquina e ponham-se junto da entrada do laboratório com um bom par de cacetes. Têm dez minutos para se colocarem nos seus postos.

Assim que Bradshaw partiu, o advogado consultou o relógio e disse:

– E agora, Poole, vamos ao trabalho!

Colocou o atiçador debaixo do braço e indicou o caminho em direção ao pátio.

As nuvens, levadas pelo vento, tinham-se amontoado diante da lua e agora estava tudo escuro. A brisa, que penetrava a espaços naquele edifício que se assemelhava a um poço escuro, fazia oscilar a cada momento a luz da lanterna até chegarem ao abrigo do laboratório, em cujo interior se sentaram silenciosamente à espera. Londres fervia de atividade por todos os lados, mas ali dentro o silêncio da noite só era interrompido pelo ressoar de passos que iam e vinham ao longo do piso do gabinete.

– Passeia-se assim durante todo o dia – sussurrou Poole – e também durante a maior parte da noite. Só ocorre uma certa interrupção quando chega uma nova amostra da farmácia. A sua má consciência é como um inimigo para o seu descanso! Em cada uma das suas passadas há sangue vilmente derramado! Mas escute de novo, aproxime-se um pouco mais e apure o ouvido, Mr. Utterson, e diga-me: acha que é assim que o doutor anda?

As passadas ressoavam ligeiras e estranhas, com uma certa cadência rítmica, muito pausada. Era deveras muito diferente do andar forte e ruidoso de Henry Jekyll.

– Mais nada? – perguntou Utterson num sussurro. Poole fez um gesto com a cabeça.

– Uma vez – disse -, uma vez ouvi-o a chorar.

– A chorar? Por quê? – exclamou o advogado com um súbito estremecimento de horror.

– Chorava como uma criança, como uma alma penada respondeu o mordomo. – Saí dali com o coração todo apertado. Era desesperante.

Os dez minutos de prazo haviam-se esgotado já. Poole desenterrou o machado que se encontrava debaixo de um monte de palha; colocou a lanterna sobre a mesa mais próxima para os alumiar durante o ataque de surpresa e, contendo a respiração, aproximaram-se do local onde ainda se ouviam os passos enfermiços num vaivém constante, no silêncio da noite.

– Jekyll! – gritou Utterson, erguendo a voz. – Quero falar-te sem tardança. – Calou-se por instantes, mas não obteve resposta. – Aviso-te com toda a seriedade – prosseguiu –; estamos com sérias suspeitas a teu respeito e estou disposto a ver-te, a bem ou a mal, com o teu consentimento ou pela força.

– Utterson, pelo amor de Deus – ouviu-se atrás da porta –, tem piedade!

– Ah, essa não é a voz de Jekyll – exclamou Utterson. – É a de Hyde! Derrube a porta, Poole!

O mordomo ergueu o machado até ao ombro e assestou um golpe que fez tremer todo o edifício; a porta acolchoada de vermelho saltou juntamente com a fechadura e os gonzos. Um triste queixume de animal aterrorizado ecoou pelo gabinete. Uma e outra vez o machado se levantou, fazendo erguer o caixilho. Por quatro vezes o ferro se enterrou na madeira, mas esta

era sólida e de excelente manufatura. Só ao quinto golpe é que a fechadura saltou e então os restos estilhaçados da porta tombaram no interior da habitação sobre o tapete.

Horrorizados pelo estrépito causado e pelo silêncio perturbador que se seguiu, ambos os atacantes recuaram e olharam fixamente para o interior do quarto. Estava iluminado pela suave luz de uma lâmpada; um fogo vivo ardia e crepitava na lareira e a chaleira silvava com a água a ferver; no solo, havia uma ou duas caixas abertas; sobre a secretária, papéis e documentos dispostos com cuidado e, junto ao fogão, as coisas preparadas para tomar chá. Era o aposento mais tranquilo e, se não fossem os armários de vidro cheios de produtos químicos, dir-se-ia ser também o mais vulgar e sossegado da noite londrina.

Precisamente a meio do gabinete, jazia o corpo de um homem, a contorcer-se de dores e que ainda se mexia espasmodicamente. Aproximaram-se dele cautelosamente, fizeram-no voltar de costas e viram o rosto de Edward Hyde.

Estava vestido com uma roupa demasiado grande para ele, concretamente com um fato do tamanho do doutor. Os músculos do rosto ainda se contraíam, aparentemente vivos, mas a vida havia já abandonado aquele corpo e pela ampola partida que segurava numa das mãos e o penetrante cheiro a amêndoas que pairava no ar, Utterson percebeu que estava a contemplar o cadáver de um suicida.

– Chegamos demasiado tarde – disse gravemente – e não sei se para o salvar, se para o castigar. Hyde morreu e só nos resta encontrar o cadáver do seu patrão, Poole.

A sala de dissecação ocupava a maior parte daquele edifício e quase todo o piso térreo; a luz entrava por cima e pelo gabinete, que formava na outra extremidade da sala um segundo piso. Um corredor unia a sala à porta que dava para a viela e, por sua vez, comunicava separadamente com o gabinete por um segundo lanço de escadas. De resto, havia alguns pequenos quartos, muito escuros e um amplo sótão. Tudo isso foi examinado minuciosamente. Os cubículos só precisaram de uma vista de olhos porque estavam vazios e, a julgar pelo pó que caía das suas portas a um simples movimento, havia muito tempo que não eram abertas. O sótão estava abarrotado de trastes velhos, na sua maioria pertencentes ao cirurgião que antecedera o Dr. Jekyll; no preciso instante em que abriram a porta, soltou-se dela uma teia de aranha enorme e emaranhada que durante muitos anos havia sido tecida à entrada e que os alertou para a inutilidade de procurarem mais. Em nenhum lado se via rasto de Henry Jekyll, vivo ou morto.

Poole bateu com os pés nas lajes do corredor.

– Tem de estar enterrado aqui – disse, escutando a ressonância.

– Ou pode ter fugido – comentou Utterson.

De imediato foram examinar a porta da viela. Estava fechada e sobre uma laje encontraram a chave, manchada já pela ferrugem.

– Não tem sinais de haver sido usada – observou o advogado.

– Usada! – repetiu Poole com assombro. – Não vê, senhor, que está partida? Como se alguém a tivesse pisado.

– É verdade – confirmou Utterson – e no sítio por onde se partiu está também oxidada...

Os dois homens fitaram-se inquietos.

– Não estou a perceber nada, Poole – disse o advogado. – Voltemos para o gabinete.

Subiram a escada em silêncio e não sem lançarem de vez em quando um olhar temeroso ao cadáver, continuaram a examinar mais detidamente o conteúdo da casa. Numa mesa

encontraram vestígios de um trabalho químico: diversos montículos de uma espécie de sal branco, colocados em pratos de vidro. Era como se alguma coisa tivesse impedido o infeliz de terminar uma experiência.

– Era esta a droga que lhe trazia – afirmou Poole. Subitamente, a chaleira começou a apitar com um ruído assustador e isto atraiu-os à chaminé. A poltrona fora colocada perto do fogo e o serviço do chá disposto e preparado perto de um dos seus braços, juntamente com o açúcar na taça. Numa prateleira, havia alguns livros, mas um deles estava aberto ao lado da bandeja de chá. Utterson ficou estupefato ao descobrir tratar-se de uma obra piedosa pela qual várias vezes Jekyll havia manifestado possuir grande estima e que se encontrava agora cheia de anotações blasfemas escritas pelo seu próprio punho.

Depois, prosseguindo a sua busca, os dois homens pararam diante do espelho de corpo inteiro e ao olharem para ele, viram refletidos nos seus rostos pálidos e temerosos, um horror involuntário, marcado pelo resplendor rosado do fogo que dançava no teto e nas chamas cem vezes repetidas pelos vidros dos armários.

– Este espelho testemunhou coisas muito estranhas, senhor – murmurou Poole.

– Certamente, mas nada me parece mais estranho que este mesmo espelho – disse o advogado num sussurro. – Por que, para quê queria Jekyll... – ao ouvir-se a si mesmo pronunciar esse nome, estremeceu; de seguida, dominou-se e prosseguiu: – para que precisava ele disto?

– Talvez o senhor saiba explicar! – exclamou Poole.

A seguir, dirigiram-se ao escritório. Entre a série de papéis cuidadosamente arrumados havia, bem em evidência, um sobrescrito grande endereçado pelo doutor a Mr. Utterson. O advogado abriu-o e várias cartas anexas caíram ao chão. A primeira era um documento redigido nos mesmo termos que o escrito devolvido por ele seis meses antes, que serviria de testamento em caso de morte e da ata de doação em caso de desaparecimento, mas em lugar do nome de Edward Hyde, viu com assombro que o beneficiário era desta vez Gabriel John Utterson. Fitou Poole, depois olhou para os papéis e, por último, para o corpo sem vida do malfeitor que jazia sobre o tapete.

– Tenho a cabeça às voltas e não percebo nada – disse por fim. – Durante todos estes dias, tem estado nas mãos deste patife que não tinha razões para gostar de mim. Pelo contrário, devia estar furioso por ver-se substituído por mim; e, no entanto, não destruiu este documento.

Pegou na segunda carta; era um bilhete curto escrito pelo doutor e datado do mesmo dia.

– Poole! – gritou o advogado. – Ele estava vivo e hoje esteve aqui! Não podem ter feito desaparecer o seu corpo em tão pouco tempo. É possível que ainda esteja vivo e que haja fugido! Mas, então, porque fugir? E como? E no caso de ser... podemos arriscar-nos a classificá-lo de suicídio? Temos de ser prudentes. Ainda podemos vir a envolver o seu patrão num escândalo desagradável.

– Porque não lê a carta, senhor? – perguntou Poole.

– Porque tenho medo – respondeu gravemente o advogado. – Deus queira que os meus temores sejam infundados.

Dito isto, fitou fixamente o bilhete e leu o seguinte:

"Meu caro Utterson:

Quando esta carta te chegar às mãos, eu terei desaparecido. Não sei em que

circunstâncias, que tão-pouco posso prevê-las, mas o meu instinto e tudo quanto rodeia a minha infame situação dizem-me que o fim é certo e que deve estar muito próximo. Lê a narrativa que Lanyon me informou ir-te confiar.

Se queres saber mais, atende a confissão do teu indigno e desditoso amigo,

Henry Jekyll"

– Há uma terceira carta? – perguntou Utterson.

– Aqui está ela, senhor – respondeu Poole, entregando-lhe um volumoso sobrescrito lacrado em diversos sítios.

O advogado enfiou-o no bolso do casaco e disse:

– Não falarei deste documento a ninguém, Poole. Se o seu patrão fugiu ou morreu, ao menos salvemos-lhe a reputação. São dez horas. Tenho de regressar a casa para ler estes documentos com calma, mas voltarei antes da meia-noite e então chamaremos a polícia.

Saíram fechando atrás de si a porta da sala e Utterson, deixando outra vez a criadagem reunida à volta da lareira do vestíbulo, regressou ao seu escritório, caminhando com dificuldade. Esperava que a leitura daqueles documentos lhe esclarecesse definitivamente o mistério.

O RELATO DO DOUTOR LANYON

No dia 9 de Janeiro, faz hoje dias, recebi pelo correio da tarde uma carta registrada escrita pelo meu colega e antigo condiscípulo Henry Jekyll. Surpreendi-me bastante, porque não tínhamos o costume de trocar correspondência. Tinha-o visto e, inclusive, havia jantado com ele na noite anterior e não podia imaginar nada que justificasse a formalidade de um registro. O seu conteúdo aumentou a minha surpresa. O texto dizia assim:

"10 de Dezembro de 18...

Meu caro Lanyon:

És um velho amigo meu, talvez um dos mais antigos e embora por vezes tenhamos divergido em questões científicas, não posso recordar-me, pelo menos da minha parte, de nenhuma ruptura na nossa amizade e afeto mútuo. Jamais duvidaria em sacrificar a minha fortuna ou a minha mão direita para te ajudar, se algum dia me houvesses dito: 'Jekyll, a minha vida, a minha honra, o meu juízo dependem de ti'. Lanyon, a minha vida, a minha honra, o meu juízo estão todos à tua mercê. Se me abandonares esta noite, estou perdido. Certamente suporás, depois deste prefácio, que vou pedir-te algo de desonroso. Julga por ti mesmo. Quero que adies qualquer outro compromisso que tenhas para esta noite mesmo que te chamem à cabeceira do rei. Se o teu coche não estiver disponível, aluga um e com esta carta na mão, para a consultar em caso de dúvida, vem imediatamente a minha casa. Poole, o meu mordomo, tem ordens concretas. Encontrá-lo-ás à espera que chegues, na companhia de um serralheiro. Forçareis a porta do meu gabinete; entrarás tu sozinho, abrirás o armário de vidro (letra E) colocado à esquerda, rebentando a fechadura se ela estiver trancada e retirarás, com todo o

seu conteúdo e tal como a encontrares, a quarta gaveta a contar de cima ou, o que vai dar ao mesmo, a terceira a contar de baixo. Na minha extrema perturbação, tenho um receio mórbido de te transmitir uma informação errada, mas ainda que me engane, poderás saber que é a gaveta correta pelo seu conteúdo: uns pós, um frasco e um caderno. Suplico-te que leves essa gaveta contigo até à praça Cavendish, tal como a encontrares.

Esta é a primeira coisa que quero que faças. Vamos à segunda:

Se assim que receberes este bilhete te puseres imediatamente a caminho, estarás de volta muito antes da meia-noite. Mas deixo-te essa margem de tempo, não só por receio de ocorrer algum desses obstáculos que não se podem nem evitar nem prever, como também porque para o que falta fazer é preferível uma altura em que os teus criados estejam já recolhidos. À meia-noite, pois, estarás sozinho no teu consultório, abrirás tu mesmo a porta da casa a um indivíduo que se apresentará em meu nome e entregar-lhe-ás a gaveta do meu gabinete. Nesse momento, terás desempenhado a tua parte às mil maravilhas e merecerás a minha eterna gratidão. Cinco minutos mais tarde, embora exijas uma explicação, terás compreendido que estas estranhas disposições eram de capital importância e que, omitindo alguma delas, por mais fantástico que te pudesse parecer, podias tornar-te no responsável pela minha morte ou loucura.

Embora esteja confiante que atenderás o meu pedido com a maior seriedade, o meu coração fica destroçado e a minha mão treme só de pensar na possibilidade de não o fazeres. Pensa que neste momento estou num local desconhecido, lutando com uma negra angústia, dificilmente imaginável, consciente, contudo, de que se cumprires pontualmente as minhas ordens, as minhas preocupações acabarão. Ajuda-me, meu caro Lanyon, salva a minha alma.

Teu amigo,

Jekyll."

"P.S. – Ia já terminar quando urna nova dúvida me assaltou. É possível que se atrase a recolha ou a entrega do correio e que esta carta só te chegue às mãos amanhã pela manhã. Nesse caso, caro Lanyon, faz o que te peço assim que te for mais conveniente, mas durante o dia, e espera o meu mensageiro à meia-noite. Talvez seja já demasiado tarde. Se nessa noite não receberes notícias minhas, não voltarás a ver Henry Jekyll".

A leitura daquela missiva criou em mim a ideia de que o meu colega enlouquecera, mas para que não ficasse com dúvidas, senti-me forçado a fazer o que me pedia. Quanto menos percebia daquela trapalhada, menos me via em posição de apreciar a sua importância, mas não podia deixar de atender a um pedido de socorro assim expresso sem assumir uma grave responsabilidade. Desse modo, levantei-me da mesa, peguei numa carruagem e dirigi-me diretamente a casa de Jekyll. O mordomo estava à minha espera: ele próprio havia recebido pelo mesmo correio que eu uma carta registrada com as instruções e de seguida havia mandado chamar o serralheiro e um carpinteiro. Enquanto falávamos do assunto, chegaram ambos os artesãos e como um só homem dirigimo-nos ao teatro anatômico do velho Dr. Denman, de onde (como sem dúvida saberás) se pode entrar comodamente no gabinete privado de Jekyll. A porta era muito sólida e a fechadura excelente.

O carpinteiro confessou que encontraria sérias dificuldades e que faria um grande estrago se tivesse de utilizar a força. O serralheiro esteve prestes a desesperar, mas era um sujeito hábil e após duas horas de trabalho, lá conseguiu abrir a porta. O armário de vidro

assinalado com a letra E não estava fechado à chave. Retirei a gaveta, enchi-a de palha e depois de a envolver numa mortalha, regressei com ela à praça Cavendish.

Uma vez ali, procedi ao exame do seu conteúdo. Os pós estavam empacotados com todo o esmero, mas não com a meticulosidade de um farmacêutico, de modo que era evidente que fora o próprio Jekyll que os havia preparado. Abri um dos invólucros e descobri o que me pareceu ser sal cristalizado de cor branca. Logo de seguida, concentrei a minha atenção no frasco: estava cheio quase até metade de um líquido sanguinolento, de cheiro muito áspero e picante, que parecia conter fósforo e algum éter muito volátil. Quanto aos demais ingredientes, não podia fazer conjecturas. O caderno era uma encadernação vulgar que apenas tinha anotado uma série de datas, mas estas abarcavam um período de muitos anos e observei que os apontamentos se interrompiam de imediato cerca de um ano antes. Em vários locais, junto de uma data havia uma correspondente breve observação que no geral consistia de uma única palavra: "duplicar". Em centenas de datas, isso ocorria talvez umas seis vezes. Só numa ocasião, no início da lista, aparecia uma estranha observação entre pontos de exclamação: um completo fracasso!!! Embora tudo isso me despertasse a curiosidade, nada me dizia de concreto. Continha ainda um frasco com um pouco de tinta, um pacote de papel com algo parecido com sal e as anotações de uma série de experiências que não haviam conduzido (como tantas outras investigações de Jekyll) a nenhum resultado de utilidade prática. Como é que a presença de qualquer destes objetos em minha casa podia afetar a honra, o juízo ou a vida do meu caprichoso colega? E se o seu mensageiro podia ir ter aqui, porque não a outro lugar qualquer? E ainda supondo que houvesse algum impedimento, porque tinha eu de receber esse indivíduo em segredo? Quanto mais pensava no assunto, tanto mais convencido ficava de que e tratava de um caso de enfermidade mental. Dei autorização aos criados para se recolherem, mas carreguei o meu velho revólver para não ficar sem nenhum meio de defesa.

Os sinos de toda a Londres acabavam de dar as doze quando a aldraba da porta tocou de mansinho. Fui abrir de imediato e dei de caras com um homem de baixa estatura, encostado aos pilares do pórtico.

– O senhor vem da parte do Dr. Jekyll? – perguntei-lhe.

Respondeu-me que sim com um gesto constrangido e quando o convidei a entrar não o fez sem antes lançar um penetrante olhar para trás, para as sombras da praça. Não muito longe, um guarda passeava com a sua lanterna acesa; ao vislumbrá-lo, creio que o meu visitante se sobressaltou e apressou-se a entrar.

Confesso que todos estes pormenores me impressionaram tão desagradavelmente que não tirei a mão do revólver enquanto o conduzia até ao meu consultório. Ali, tive por fim a oportunidade de o ver à claridade. Tinha a certeza de que era a primeira vez que lhe punha a vista em cima. Como já disse, era de baixa estatura, mas o que me surpreendeu foi a espantosa expressão do seu rosto, a singular combinação de hiperatividade muscular e uma evidente debilidade física e, por último, embora nem por isso menos importante, a inquietante perturbação que a sua presença me provocou; algo semelhante a uma rigidez cadavérica, acompanhada por uma nítida sensação de baixa de pulsação. Na altura, atribuí isso a uma aversão pessoal e idiossincrática e só me espantei com a agudeza dos sintomas. Depois disso, tenho tido motivos suficientes para crer que a causa era muito mais profunda, que se encontrava na própria natureza do homem e que dependia de algo mais nobre do que o mero sentimento de ódio.

Desde esse primeiro instante, aquele indivíduo despertou em mim uma espécie de curiosidade mal sã. Estava vestido de tal maneira que o resultado era de um tremendo ridículo; o seu fato era formado por um tecido sóbrio e caro, mas desproporcionado: as calças, demasiado grandes, dançavam-lhe nas pernas e tinha-as arregaçadas para evitar que rojassem pelo chão. O corte do casaco ficava-lhe abaixo da cintura e a gola alargava-se até aos ombros. Mas, por estranho que pareça, esta absurda indumentária estava longe de me provocar o riso. Pelo contrário, havia algo de anormal, de informe, na natureza daquela criatura, algo que atraía, assombrava e repelia ao mesmo tempo: uma nova disparidade que parecia encaixar-se com a sua personalidade e reforçá-la. Deste modo, ao interesse que em mim provocou a sua natureza e o seu caráter, juntou-se então a curiosidade de conhecer a sua origem, vida, fortuna e posição social neste mundo.

Todas estas considerações, que tanto espaço e tempo me levaram a pôr por escrito, foram, no entanto, obra de poucos segundos. O meu visitante parecia estar em brasas, preso de uma obscura excitação.

– Tem aqui as coisas? – gritou. – Tem-nas consigo?

A sua impaciência era tão viva que chegou até a pôr-me as mãos em cima e a tentar sacudir-me.

– Que é isto – disse eu, repelindo-o. – Porventura, esquece-se que não tenho o prazer de o conhecer? Sente-se, por favor.

Para dar o exemplo, sentei-me na minha cadeira habitual e procurei imitar a conduta que teria tido com qualquer dos meus pacientes, tanto quanto me permitia o avançado da hora, a natureza das minhas preocupações e o horror que me inspirava aquele ser sinistro.

– Perdoe-me, Dr. Lanyon – disse ele, procurando ser cortês. – Tem razão. Fiz gala da minha impaciência e não cuidei dos meus modos. Venho a pedido do seu colega, o Dr. Henry Jekyll, por causa de um assunto de certa importância e soube que... – fez uma pausa, levou a mão à garganta e pude perceber que, apesar das suas maneiras aparentemente calmas, estava a lutar contra os primeiros sintomas de um ataque de histeria. – Soube – prosseguiu – que há uma gaveta...

Compadecido da sua ansiedade e talvez também da minha própria expectativa, não pude conter-me e exclamei:

– Está ali dentro – e apontei para o local onde colocara no chão a gaveta, atrás de uma mesa, ainda coberta com a mortalha.

Levantou-se de um salto, para logo se deter e levar a mão ao coração.

Ouvi-o a ranger os dentes pela ação convulsiva dos maxilares e vi que tinha o rosto de uma palidez tão cadavérica que cheguei a recear tanto pela sua vida como pela sua sanidade.

– Tranquilize-se – disse-lhe alarmado.

Olhou-me de soslaio com um sorriso horrível nos lábios e, com a decisão que dá o desespero, arrancou de um só gesto a mortalha. Ao ver o conteúdo da gaveta, proferiu um tal suspiro de alívio que fiquei petrificado no meu assento. Um momento depois, tinha-se acalmado e perguntava:

– Tem um copo graduado?

Fiz um esforço por me levantar e entreguei-lhe o que me pedia.

Ainda sorridente, esboçou um gesto de agradecimento com a cabeça, depois pegou numa pequena quantidade da tinta vermelha e acrescentou-lhe os pós. A mistura, de um tom

avermelhado a princípio, começou a assumir uma cor mais brilhante à medida que os cristais se dissolviam, a entrar em efervescência e a exalar umas pequenas nuvens de vapor. De repente, a ebulição cessou e o composto ficou púrpura escuro que, lentamente, foi cedendo o passo a um verde aquoso. O meu estranho visitante observava toda aquela metamorfose com um olhar intenso. De novo com um trejeito nos lábios, pousou o vaso em cima da mesa, virou-se para mim e fitou-me com ar perscrutador.

– E agora – disse –, vamos ao que resta fazer. Importa-se de me acompanhar o raciocínio? Permitir-me-ia pegar neste copo e sair de sua casa sem mais palavra? Ou está já demasiado dominado pela curiosidade? Pense bem antes de responder, porque faremos o que decidir. De acordo com a sua decisão, tudo ficará como estava e o senhor nem mais rico nem mais sábio (a menos que ajudar um amigo em perigo de morte possa ser considerado como uma espécie de riqueza espiritual) ou, pelo contrário, novos horizontes de conhecimento e novos caminhos para a fama e o poder se lhe abrirão e aqui, nesta casa, neste mesmo instante, perante os seus olhos, terá lugar um prodígio que faria tremer de incredulidade o próprio Satanás.

– O senhor – retorqui-lhe, aparentando um sangue frio que estava longe de possuir – fala de uma maneira tão enigmática que não se deve espantar por me parecer impossível acreditar em si. Mas já que foi tão longe nos meus "serviços inexplicáveis", quero ver o final de toda esta encenação.

– De acordo, Lanyon – respondeu. – O que vais ver, deve ficar no segredo da tua profissão: lembra-te do teu juramento. E agora, tu, que durante tanto tempo te limitaste a seguir as ideias mais mesquinhas e materiais, que negaste à medicina a virtude do transcendente, que ridicularizaste todos quantos te superavam em saber, olha bem!

Subitamente, levou a beberagem aos lábios e engoliu-a de um trago. Emitiu um grito lancinante, cambaleou, procurou agarrar-se à mesa e ali se ficou, fitando fixamente o vazio, com os olhos injetados de sangue e respirando com dificuldade. Perante os meus olhos atônitos, teve então lugar uma brusca transformação: o seu rosto começou a inchar e as feições pareciam alterar-se a ponto de desaparecerem. Nesse mesmo instante, ergui-me de um pulo e recuei até à parede com o braço erguido como um escudo, aterrorizado ante semelhante prodígio e gritando sem parar:

– Meu Deus! Meu Deus!

Diante de mim, pálido e a tremer, prestes a desmaiar, avançando a custo como um ressuscitado, estava Henry Jekyll.

Quanto ao que me disse depois, durante a hora seguinte, sinto-me mentalmente incapaz de o transcrever. Vi o que vi, ouvi o que ouvi e o meu espírito encheu-se então de náuseas. Agora, porém, quando aquela cena se desvaneceu perante os meus olhos, interrogo-me se creio nele e não sei que responder.

A minha vida foi abalada até às raízes; o sono abandonou-me e estou possuído de um temor de morte a todas as horas do dia e da noite. Sinto que tenho os dias contados, que não tardarei a morrer e, contudo, morrerei incrédulo. Não posso recordar-me da vileza moral que aquele homem me revelou ainda com lágrimas nos olhos sem um estremecimento de horror. Só te direi mais uma coisa, Utterson, e se fores capaz de acreditar nela, será mais que suficiente: Jekyll confessou-me que o indivíduo que se dirigira naquela noite a minha casa era conhecido pelo nome de Hyde e que era procurado em todo o país como o assassino de Carew.

Hastíe Lanyon.

A CONFISSÃO DE HENRY JEKYLL

"Nasci no ano de 18..., herdeiro de uma grande fortuna e dotado de resto de excelentes qualidades. Inclinado por natureza para o trabalho, gozei de pronto do afeto e do respeito das pessoas mais instruídas e bondosas entre os meus semelhantes. Foi assim que tudo fazia supor um futuro com todas as garantias, eminente e honroso. A falar verdade, o pior dos meus defeitos era a impaciência e uma certa propensão para o divertimento que, contudo, fez muitos felizes, mas que se tornou difícil reconciliar com o meu arrogante desejo de me apresentar em público com a cabeça erguida e aspecto sisudo. Daí ter chegado quase a dissimular as minhas emoções, a ocultar os meus pequenos prazeres e que, quando atingi a idade da reflexão, em que um homem começa a olhar à sua volta, a fazer o inventário dos seus progressos e a considerar a sua posição social, já me encontrava profundamente comprometido numa vida dupla. Para muitos, as "irregularidades" de que eu era culpado teriam sido, inclusive, motivo de jactância, mas não para mim que, desde o momento dos ideais antes traçados, não podia senão vê-las e ocultá-las com uma sensação de vergonha. Foi, pois, a exigência das minhas aspirações e não o meu particular desregramento que me fez ser tal como era e o que separou no meu íntimo, com um fosso mais profundo que na maioria dos homens, essas duas regiões do bem e do mal em que se divide a natureza humana. Obrigado pelas circunstâncias, refletia intensa e repetidamente nessa dura lei da vida que é a própria essência de toda a religião e que é uma das fontes mais abundantes de dor. Embora a minha dualidade fosse tão profunda, não me sentia um hipócrita, porque os meus dois rostos eram totalmente verdadeiros. Eu era o mesmo quando, abandonando toda a moderação, me atirava para os braços da desonra, ou quando, trabalhando à luz do dia, promovia a ciência para aliviar a dor e o sofrimento.

A casualidade quis que os meus estudos científicos, que se orientavam por completo para o místico e para o transcendente, estimulassem e produzissem na minha consciência uma intensa luz sobre a luta constante das minhas duas personalidades. Dia a dia, com a moral e com o intelecto, aproximava-me a passos firmes dessa verdade, por cuja descoberta incompleta fui condenado a tão espantoso naufrágio: o homem não é autenticamente um, mas sim dois. E digo dois, porque o meu próprio conhecimento não foi mais além. Outros seguirão o meu exemplo, outros me superarão e atrevo-me a profetizar que no fim o homem será reconhecido como um ser habitado por seres múltiplos, incongruentes e autônomos. Da minha parte, e devido às características da minha existência, avançava forçosamente numa única direção. Aprendi a reconhecer a primitiva dualidade do homem na minha própria pessoa. As duas naturezas que lutavam na minha consciência eram minhas, porque eu era em essência ambas. Desde o início, ainda antes das minhas descobertas científicas começarem a sugerir-me a possibilidade de tal milagre, dediquei-me a pensar placidamente, como se se tratasse de um sonho querido, na possibilidade de separar esses dois elementos. Se cada um deles, dizia eu, pudesse habitar em identidades diferentes, a vida libertar-se-ia do que hoje se me afigura insuportável; o injusto poderia seguir o seu caminho, despojado das aspirações e do remorso do seu irmão gêmeo, mais reto; e o justo avançaria com segurança e firmeza pela sua senda

ascendente, realizando as boas obras nas quais encontra prazer e sem se expor às desgraças e à penitência provocadas por esse espírito perverso e desconhecido. Esta era a maldição da humanidade: o fato desses dois ramos incongruentes estarem unidos com tanta força, que – nas agonizantes entranhas da consciência – estes gêmeos opostos lutavam continuamente entre si. Então, como dissociá-los?

Estava tão absorto nas minhas reflexões quando, como disse, da mesa do laboratório surgiu um débil raio de luz que começou a iluminar o horizonte. Comecei a perceber, cada vez mais profundamente como jamais poderia imaginar, a temerosa imaterialidade, a transparente inconsistência deste corpo aparentemente tão sólido em que estamos aprisionados. Dei-me conta de que certos elementos possuíam a capacidade de alterar e arrancar essa vestimenta carnal, do mesmo modo que qualquer sopro de vento agita o toldo de uma loja. Não entrarei em profundidade no aspecto científico da minha confissão. Primeiro, porque acabei por perceber que o homem está ligado indissoluvelmente ao seu destino e à carga da sua própria vida e quando procura libertar-se desse peso, regressa novamente a ele com uma pressão maior e mais terrível. Segundo, porque, aí, como o evidenciará o meu relato, as minhas descobertas eram incompletas. Bastará dizer que não só fui capaz de separar o meu corpo material da emanação de certos poderes que formam o meu espírito como também logrei elaborar uma droga graças à qual a supremacia desses poderes foi destronada e suplantei o meu aspecto com uma segunda aparência, não menos natural para mim, já que era a expressão dos mais baixos componentes da minha alma e tinha em si a sua marca.

Durante largo tempo estive na dúvida, antes de pôr em prática esta teoria. Sabia que corria perigo de morte, porque uma droga com tal capacidade de controlo sobre o mais íntimo da identidade poderia igualmente – por um simples erro de dose ou pelas circunstâncias em que é ministrada – aniquilar de todo esse tabernáculo imaterial que eu pretendia modificar. Mas, finalmente, a tentação de levar a cabo uma experiência tão singular e profunda conseguiu vencer todos os meus temores. Havia já algum tempo que tinha preparado a tinta. De seguida, adquiri numa empresa de produtos químicos uma grande quantidade de um sal especial que, graças a experiências anteriores, sabia ser o último ingrediente de que necessitava; e, a altas horas de uma noite maldita, misturei todos os elementos, vi-os a fundirem-se juntos e fumegarem no vaso e, quando a fervura cessou, enchi-me de coragem e ingeri a poção.

Em resultado, fui abalado por umas sacudidelas atrozes, por um ranger de ossos, um enjoo mortal e um horror de espírito que os momentos do nascimento e da morte não podem superar. Depois, essa agonia começou a desvanecer-se suavemente e voltei a mim como se estivesse a convalescer de uma terrível enfermidade. Havia algo de estranho nas minhas sensações, algo de indescritivelmente novo e, pela sua novidade, indescritivelmente agradável.

Sentia-me mais jovem, mais leve, fisicamente mais feliz. Enquanto exteriormente experimentava uma poderosa fogosidade, pela minha imaginação cruzavam-se imagens sensuais e desordenadas que avançavam em louca correria; reparava como se dissolviam os vínculos que me atavam às minhas obrigações, como a minha alma se submergia numa liberdade desconhecida e inocente. Ao respirar o primeiro alento desta nova vida, soube-me mais perverso, dez vezes mais perverso, como se fosse um escravo vendido à minha maldade original; e naquele momento, o mero pensamento desse fato atraía-me e deleitava-me como se se tratasse de um vinho especial. Espreguicei-me, exultante, pela frescura destas sensações e

no ato dei-me conta de que a minha estatura havia minguado.

Na altura, não tinha qualquer espelho no gabinete; o que se encontra a meu lado enquanto escrevo agora, trouxe-o depois, precisamente devido a estas transformações. Contudo, a noite havia-se transformado em madrugada e esta, negra como era, estava prestes a ceder o passo ao dia: os moradores da minha casa estavam ainda mergulhados no mais profundo do sono; e, incentivado como estava pela esperança e pelo triunfo, decidi-me a aventurar-me até ao meu quarto revestido da minha nova forma. Atravessei o pátio, onde as constelações me contemplaram com assombro lá do alto, pois era a primeira criatura desse tipo que se apresentava à sua insone vigilância; deslizei pelos corredores como se fosse um estranho em minha própria casa e, ao chegar ao quarto, vi pela primeira vez qual a aparência de Edward Hyde.

Aqui, devo falar apenas teoricamente, dizendo não o que sei mas antes o que considero mais provável. O lado perverso da minha natureza, a que agora havia concedido uma forma corporal, era menos forte e estava menos desenvolvido que o lado bom de que acabava de se separar. De certo modo, era lógico, pois no decorrer da minha vida que, afinal, havia sido na sua quase totalidade uma vida dedicada ao esforço, à virtude e à renúncia, havia-o exercitado e esgotado muito menos. Calculei que essa era a razão de Edward Hyde ser muito mais baixo, magro e jovem que Henry Jekyll. Enquanto o bem brilhava no semblante de um, o mal estava clara e amplamente escrito no rosto do outro. De resto, esse mal (que todavia devo considerar como o aspecto mortífero do homem) havia deixado no seu corpo uma marca de deformidade e degeneração. Não obstante, ao ver refletido esse feio ídolo do espelho, não sentia asco, mas apenas um arrebatamento de alegria. Esse também era eu. Parecia-me natural e humano. Apresentava-se a meus olhos como uma imagem mais vivida do meu espírito, mais expressiva e simples que o semblante imperfeito e dividido que até então me havia habituado a chamar meu. E nisso, sem dúvida, não estava enganado. Observei que, sob a aparência de Edward Hyde, ninguém podia aproximar-se de mim sem experimentar um visível tremor na sua carne. Creio que isto se devia ao fato de todos os seres humanos com quem tratamos serem uma mistura do bem e do mal; e entre os membros da humanidade, Edward Hyde era o único que representava o mal em estado puro.

Admirei-me ao espelho apenas por um instante: contudo, ainda faltava realizar a segunda e decisiva experiência: faltava saber se a perda da minha identidade era irremediável e se teria de fugir antes de amanhecer daquela casa que jamais seria minha. E assim, regressei precipitadamente ao meu gabinete, preparei de novo a mistura e bebi o conteúdo do copo: uma vez mais, sofri os abanões da desagregação e de novo voltei a mim com a personalidade, a estatura e o rosto de Henry Jekyll. Naquela noite, havia chegado a uma encruzilhada fatal. Se me tivesse aproximado da minha descoberta com um espírito mais nobre, se me tivesse arriscado a experimentar sob o império de aspirações generosas ou piedosas, tudo teria sido diferente e dessas agonias de nascimento e morte teria surgido um anjo em vez de um demônio. A droga não tinha capacidade discriminatória; não era nem diabólica nem divina; apenas abria as portas do cárcere do meu âmago; e como os prisioneiros de Filipos[5], quem estivesse dentro escapava. Assim, a minha virtude sucumbia; a minha perfídia, despertada pela ambição, mantinha-se alerta, disposta a aproveitar a oportunidade e o que aparecia não era outra coisa senão Edward Hyde. Daí que, apesar de possuir agora duas personalidades, bem como duas aparências, uma era por completo o mal, enquanto a outra continuava a ser o antigo

Henry Jekyll, essa mistura incongruente de cuja capacidade para se modificar e melhorar eu havia já desesperado. Assim, pois, o passo que havia dado encaminhava-se para o pior de mim mesmo.

Nessa data, todavia, não tinha conseguido dominar a minha aversão pela aridez de uma vida dedicada ao estudo. Continuava a possuir uma predisposição bastante desenfadada e dado que os meus prazeres eram (na melhor das hipóteses) pouco dignos e não só era conhecido e respeitado como também seria o que se diz um homem de idade, a contradição tornava-se a cada dia mais insuportável. Neste ponto, o meu novo poder tentou-me até converter-me em seu escravo. Não tinha mais que pegar no copo, abandonar o corpo do conhecido professor e assumir, como se se tratasse de uma grossa capa, o de Edward Hyde. Sorri ante a ideia que então me dava graça e comecei os meus preparativos com o maior cuidado. Aluguei e mobiliei a casa do Soho, até onde a polícia seguiu Hyde e contratei como criada uma criatura com fama de discreta e pouco escrupulosa. Por outro lado, anunciei aos meus serviçais que um tal Mr. Hyde (a quem descrevi) gozaria, a partir de então de plena liberdade de movimentos em minha casa e, para prevenir contratempos, apresentei-me nela com o alvo de me tornar familiar sob a minha segunda personalidade. Redigi depois dois testamentos, a que tanto objetaste, de modo que se me sucedesse algo na pessoa de Jekyll, poderia refugiar-me na de Hyde sem por isso sofrer perdas pecuniárias. E considerando-me protegido, assim o queria, em todos os aspectos, comecei a beneficiar da estranha imunidade fornecida pela minha posição.

Há homens que contratam bandidos para cometerem crimes em seu lugar, sem sofrerem uma beliscadura nem na sua reputação nem na sua pessoa. Eu fui o primeiro que o fiz por puro prazer. Fui o primeiro que pôde aparecer ante os olhos do público carregado de respeitabilidade e, ato contínuo, como um colegial, despojando-se daquela capa, para me lançar de cabeça no mar da liberdade. Mas para mim, com um manto impenetrável, a segurança era completa. Pensa nisto: nem sequer existia! Bastava atravessar a porta do meu laboratório, gastar um ou dois segundos a preparar a mistura, que tinha sempre à mão, bebê-la de um trago e, fosse o que fosse que tivesse feito, Edward Hyde desapareceria com a mesma facilidade de um sopro num espelho. E ali, em seu lugar, à luz das lâmpadas do seu escritório, estaria Henry Jekyll, um homem que podia permitir-se ao luxo de se rir de qualquer suspeita.

Como já disse, os prazeres que me apressei a procurar com tal disfarce eram indignos e dificilmente posso utilizar um termo mais forte. Mas nas mãos de Edward Hyde, de imediato se tornaram monstruosos. Ao regressar das minhas passeatas, costumava submergir-me no assombro ante a perversidade experimentada pelo outro. Este parente, que havia emergido da minha própria alma e que eu enviava à procura do prazer, era um ser intrinsecamente maligno e infame; todos os seus atos e pensamentos centravam-se apenas em si, bebendo o prazer causado pela tortura alheia, com uma avidez brutal, desapiedado como um homem de pedra. Por vezes, Henry Jekyll ficava assombrado ante os atos de Edward Hyde, mas tratava-se de uma situação tão distante das leis normais que, insidiosamente, relaxava o poder da consciência. Afinal, Hyde, e apenas Hyde, era o culpado. Jekyll, não era pior; de novo despertava as suas boas qualidades aparentemente intactas e, por vezes apressava-se, se tal fosse possível, a reparar o mal causado por Hyde. Deste modo, foi adormecendo a sua consciência.

Não desejo entrar em pormenores sobre as infâmias de que, de certo modo, fui

cúmplice (pois nem mesmo agora posso garantir que as tenha cometido). Só quero assinalar as advertências e os passos sucessivos que me conduziram ao castigo. Uma vez ocorreu um incidente que me limitarei a mencionar, já que não trouxe maiores consequências. Um ato de crueldade, na pessoa de uma menina, atraiu as iras de um transeunte, a quem no outro dia pude reconhecer como um parente teu; o doutor e a família da menina seguiram-no e houve momentos em que cheguei a temer pela minha vida. Finalmente, para aplacar a sua justa indignação, Edward Hyde viu-se obrigado a levá-los até à porta de sua casa e a pagar-lhes com um cheque sacado em nome de Henry Jekyll. Depois de alterar a minha própria caligrafia e de fornecer ao meu duplo uma assinatura, julguei estar já fora do alcance do destino.

Uns dois meses antes do assassinato de Sir Danvers, voltava uma noite a casa, depois de uma das minhas aventuras quando na manhã seguinte ao despertar reparei numa estranha sensação. Em vão olhei à minha volta, em vão fixei a atenção nos excelentes móveis e no alto teto da casa, em vão reconheci o padrão das cortinas da minha cama e o desenho da sua estrutura de mogno. Algo me dizia com insistência que não estava onde estava, que não havia acordado onde parecia encontrar-me; mas sim no pequeno quarto do Soho, onde costumava dormir, sob a aparência de Edward Hyde. Sorri e, segundo o meu próprio estilo psicológico, comecei a analisar preguiçosamente os diversos elementos que formavam esta ilusão, submergindo-me num agradável torpor, enquanto o ia fazendo. Estava assim ocupado quando de repente, num dos momentos em que me encontrava mais desperto, o meu olhar caiu sobre uma das minhas mãos. As mãos de Henry Jekyll (como tu próprio observaste a miúdo) são as de um profissional, tanto pelo seu tamanho como pela sua forma: grandes, firmes, brancas e proporcionadas. Mas a mão que agora tinha diante dos olhos e que via claramente à luz amarelada da manhã londrina, a mão que repousava meio fechada sobre a roupa da cama, era seca, nervosa, nodosa, de uma palidez cinzenta e coberta por uma espessa camada de pelos. Era a mão de Edward Hyde. Devo ter ficado a contemplá-la durante cerca de meio minuto, paralisado como estava pela estupidez do assombro, antes do terror me inundar o peito, súbito e avassalador como um repicar de sinos. Saltei da cama e corri para o espelho. Perante o que os meus olhos contemplavam, o sangue tornou-se fluido e gelado. Sim, tinha-me deitado como Henry Jekyll e acordava como Edward Hyde. Como explicar o fenômeno?– interroguei-me. E, ato contínuo, com outro calafrio de terror: "como remediá-lo? A manhã ia já bastante avançada, os criados estavam já todos acordados, as drogas encontravam-se todas no gabinete e até lá chegar, paralisado como estava pelo terror, tinha de descer dois lanços de escadas, atravessar o pátio e a sala de operações. Claro que podia ocultar o rosto mas de que me valeria isso se não podia modificar a minha estatura? E então, com uma poderosa sensação de agradável alívio, dei conta de que a criadagem estava habituada às idas e vindas do meu segundo eu. Vesti-me o mais depressa possível com um fato do meu tamanho e atravessei toda a casa, cruzando-me com Bradshaw que, ao ver-me, recuou surpreendido por encontrar-se com Mr. Hyde a semelhante hora e com semelhante vestimenta; dez minutos depois, o Dr. Jekyll havia regressado à sua forma e estava sentado à mesa, de cenho franzido, a fingir que tomava o pequeno-almoço.

A verdade é que tinha pouco apetite. Este incidente inexplicável, esta imersão da minha aparência anterior, à semelhança do dedo na parede de Babilônia, parecia a manifestação da minha sentença. E comecei a refletir, com mais seriedade que nunca, nas consequências e possibilidades da minha dupla existência. Essa parte de mim mesmo que possuía o poder de

se projetar tinha-se exercitado e nutrido ultimamente de maneira excessiva. Parecia-me que o corpo de Hyde havia crescido como se (quando me encontrava sob a sua forma) tivesse consciência de que o meu sangue fluía mais generosamente; comecei a vislumbrar o perigo: caso este estado de coisas se prolongasse, o equilíbrio da minha natureza poderia alterar-se definitivamente, desapareceria o poder de mudar à minha vontade e a personalidade de Edward Hyde converter-se-ia irremediavelmente na minha. O poder da droga não se manifestara sempre da mesma maneira. Certa vez, muito no início da minha carreira, falhou por completo; desde então, vi-me obrigado, em mais de uma ocasião, a duplicar a dose e até a triplicá-la, com grande risco para a minha própria vida; até à data, essas raras ocasiões eram a única sombra que pairava sobre o êxito conseguido. Contudo, agora, à luz do incidente ocorrido nessa manhã, comecei a dar-me conta de que, se a princípio a dificuldade consistia em me livrar do corpo de Jekyll, agora começava a suceder o contrário, de forma gradual, mas nem por isso menos decidida. Tudo parecia confluir no seguinte: ia perdendo a pouco e pouco o controlo sobre o meu ser original e melhor, para me incorporar lentamente no meu segundo e pior.

Sentia que agora seria preciso escolher entre os dois. As minhas duas naturezas tinham em comum a memória, mas as outras faculdades estavam repartidas desigualmente entre ambas. Jekyll (que era um complexo) planeava e gozava os prazeres e as aventuras de Hyde, umas vezes com prudente apreensão, outras com inusitado desejo. Quanto a Hyde, olhava Jekyll com indiferença ou apenas o recordava como o bandido recorda o esconderijo em que se oculta da perseguição. Jekyll mostrava um interesse mais que paternal; Hyde manifestava uma indiferença maior que a de um filho sem amor. Unir-me definitivamente a Jekyll era o mesmo que deixar morrer aqueles apetites a que me havia entregue longa e secretamente e que por fim havia logrado saciar.

Unir-me definitivamente a Hyde equivalia a deixar morrer para sempre os meus interesses e aspirações e converter-me de imediato e para sempre num ser desprezado e sem amigos. O pacto talvez pareça desigual, mas ainda faltava uma outra hipótese a colocar na balança, porque enquanto Jekyll sofreria, abrasando-se nas chamas da abstinência, Hyde nem sequer repararia no que havia perdido. Por estranhas que fossem as minhas circunstâncias, os termos desta escolha são tão velhos e comuns como o homem. Semelhantes tentações e inquietações decidem a sorte de qualquer pecador temeroso; e assim, como sucede à imensa maioria dos meus semelhantes, optei por escolher a melhor parte ainda que me visse sem a força necessária para manter a minha decisão.

Sim, preferi o médico maduro e descontente, rodeado de amigos e que acalentava esperanças honestas; e disse um adeus resoluto à liberdade, à juventude relativa, aos impulsos repentinos e aos prazeres secretos, a tudo quanto havia desfrutado sob o disfarce de Hyde. Mas talvez tenha feito esta escolha com alguma reserva inconsciente, pois não prescindi da casa no Soho nem destruí os fatos de Edward Hyde que continuavam guardados dentro do meu guarda-fatos. Contudo, durante dois meses permaneci firme na minha determinação; levava uma vida tão severa como nunca antes; desfrutava das compensações que oferece uma consciência satisfeita. Mas, finalmente, o tempo começou a fazer-me esquecer a frescura da minha inquietação; os louvores à minha consciência começaram a desenvolver-se como coisa corrente; comecei a torturar-me com anelos e desejos, como se Hyde estivesse a lutar pela sua liberdade. E, por fim, numa hora de debilidade moral, misturei e ingeri de novo a dose

transformadora.

Não creio que quando o ébrio discute consigo mesmo sobre o seu vício se deixe convencer, sequer uma vez entre quinhentas, dos perigos a que o conduz a sua brutal insensibilidade. Tão-pouco eu, apesar de haver considerado tão grandemente a minha situação, havia tido em conta a absoluta insensibilidade moral e a insensata permissividade para com o mal que caracterizavam especialmente Edward Hyde. E, contudo, foi precisamente esse o meu castigo. O meu demônio havia estado encerrado demasiado tempo. Agora escapava-se rugindo. Inclusive, quando tomava a dose, dei-me conta de que a sua tendência para o mal era ainda mais violenta, mais desenfreada. Deve ter sido isso, suponho, que desencadeou no meu espírito aquela tempestade de impaciência com que escutei os cumprimentos da minha desgraçada vítima. Declaro, perante Deus, que nenhum homem moralmente são podia ser declarado culpado desse crime por uma tão insignificante provocação; e que assestei os golpes com a mesma sem razão com que uma criança enferma despedaça o seu brinquedo. Mas involuntariamente tinha-me libertado de todos os instintos equilibradores, graças aos quais até o pior dos homens prossegue o seu caminho por entre as tentações com um certo grau de firmeza. No meu caso, deixar-me tentar, ainda que ligeiramente, era o equivalente a cair.

Instantaneamente, o espírito do inferno despertou dentro de mim e levantou-se furioso. Transportado pelo júbilo, mutilei aquele corpo indefeso, saboreando o prazer de cada golpe; só quando o cansaço me começou a vencer é que me dei conta de que, no auge do meu delírio, o meu coração estava a ser trespassado por um calafrio de terror.

A neblina dissipou-se. Vi a minha vida perdida e fugi daquele cenário de tão grandes excessos, ao mesmo tempo temeroso e exultante, a minha lascívia gratificada e estimulada, o meu amor pela vida exacerbado sem limites. Corri à minha casa no Soho e (para redobrar a minha segurança) destruí todos os meus documentos; voltei a sair para as ruas iluminadas com o mesmo êxtase contraditório na minha alma, deliciando-me no crime, inventando alegremente outros novos para o futuro, mas temendo, e inclusive ouvindo, no meu caminho os passos do vingador. Hyde tinha uma canção nos lábios enquanto misturava a poção e, antes de a ingerir, brindou à sua vítima. Mas as dores da transformação ainda mal o haviam abandonado e já Henry Jekyll, com abundantes lágrimas de gratidão e remorso, caía de joelhos e elevava a Deus as mãos entrelaçadas. O véu da auto-indulgência tinha-se rasgado de alto abaixo e vi a minha vida como um filme: acompanhei-a desde os dias da minha infância quando passeava de mãos dadas com meu pai e através das privações e fadigas da minha profissão até chegar, uma e outra vez, com o mesmo sentimento de irrealidade, aos malditos horrores daquela noite. Podia ter gritado, mas procurei suavizar com lágrimas e súplicas a multidão de sons e de horríveis imagens que a memória lançava contra mim, mas entre súplicas e súplicas, o rosto repugnante da minha iniquidade continuava a fitar fixamente o meu espírito. À medida que a intensidade do remorso ia morrendo, fui sendo inundado por uma sensação de gozo. Tinha resolvido o problema da minha conduta. A partir daquele momento, Hyde seria impossível. Querendo ou não, estava confinado à parte melhor da minha existência. Oh! Como me alegrei com esse pensamento! Com que voluntária humildade abracei outra vez as restrições da vida natural! Com que sincera renúncia fechei a porta pela qual tantas vezes entrava e saía, calcando a chave com os pés! No dia seguinte, tive notícias de que alguém havia presenciado o crime, que a culpabilidade de Hyde era evidente para todo o mundo e que a vítima era

homem de grande estima pública. Não se tratava apenas de um crime, havia sido também uma trágica loucura. Julgo que me alegrei ao sabê-lo; creio que me alegrei com o fato dos meus melhores impulsos ficarem assim apoiados e protegidos pelos terrores da forca. Agora Jekyll era a minha cidadela; bastaria que eu deixasse que por um só um instante Hyde assomasse à luz do dia para que as mãos de todos os homens se lançassem contra ele para acabarem com a sua vida.

Decidi que a minha conduta futura consistira em redimir o passado. Posso dizer que a minha resolução deu fruto. Tu mesmo sabes muito bem como trabalhei durante os últimos meses do ano passado para aliviar os sofrimentos; sabes o muito que fiz pelo próximo e que os dias se escoavam com calma, quase com felicidade. Tão-pouco posso dizer que me aborrecia com essa vida inocente e benfazeja; pelo contrário, julgo que cada dia a desfrutava com mais intensidade; mas continuava a padecer com a minha dualidade de propósitos e assim que se dissipou o primeiro impulso de penitência, o meu lado mais baixo, tanto tempo à solta, tão recentemente agrilhoado, começou a grunhir para sair. Não é que houvesse sonhado em ressuscitar Hyde; só de pensar nisso ficava frenético: não.

Foi na minha própria pessoa, onde padecia a tentação de jogar com a minha consciência e como um vulgar e secreto pecador, que sucumbi por fim aos assaltos da tentação.

Mas tudo tem um fim: a medida de maior capacidade acaba por se encher e esta breve condescendência para com o mal destruiu finalmente o equilíbrio do meu espírito. E, contudo, na altura não me senti alarmado; a queda pareceu-me natural, como um regresso aos velhos dias anteriores à minha descoberta. Era um dia de Janeiro, belo e límpido, a geada a derreter-se e a sentir-se a umidade debaixo dos pés, mas sem uma única nuvem no céu. Regent's Park fora invadida pelos gorjeios invernais e pelos agradáveis aromas da Primavera. Sentei-me num banco a apanhar sol; o animal que havia em mim roía os ossos da minha memória; o lado espiritual, um pouco diminuído, prometia a penitência subsequente, mas não tomava a iniciativa de a começar. Afinal, pensei, era como todos os demais e então sorri, comparando-me aos outros homens, comparando a minha ativa boa vontade com a negligente crueldade do seu abandono. E nesse mesmo momento em que me vangloriava com estes pensamentos, fui invadido por um mal-estar, seguido de um enjoo horrível e de um terrível estremeção. Isso passou e quando recuperei, sentia-me fraco; quando a fraqueza estava a desaparecer, dei-me conta de que se estava a operar uma alteração na disposição dos meus pensamentos, uma maior audácia, um desprezo pelo medo e uma dissolução dos vínculos que representava qualquer obrigação. Olhei-me de alto abaixo: o fato caía disforme sobre os meus membros encolhidos e a mão que repousava sobre o meu joelho era nodosa e peluda. Uma vez mais, transformara-me em Edward Hyde. Apenas um instante antes, estava confiante pelo respeito que todos me tinham, era rico, estimado e a mesa estava preparada à minha espera na sala de jantar de minha casa. Agora, era uma vítima vulgar da humanidade, um perseguido sem lar, um assassino conhecido, condenado à forca.

A razão vacilou-me, mas não me abandonou por completo. Mais de uma vez havia observado que, na minha segunda personalidade, as minhas faculdades se agudizavam e as minhas energias se mostravam mais tensamente elásticas. Assim, onde provavelmente Jekyll teria sucumbido, Hyde estava à altura das circunstâncias. As minhas drogas estavam num dos armários do meu gabinete. Como ir buscá-las? Essa era a questão que, apertando a cabeça entre as mãos, me dispus a resolver. Havia fechado à chave a porta do laboratório. Se tentasse

entrar em casa, os meus próprios criados entregar-me-iam à forca. Vi que era preciso encontrar uma solução e pensei em Lanyon. Como chegar até ele? Como convencê-lo? Supondo que não me apanhassem na rua, como poderia encontrar-me com ele? E como é que eu, um visitante desconhecido e horripilante, iria convencer o famoso médico a saquear o gabinete do seu colega, o Dr. Jekyll? Então lembrei-me que da minha personalidade original ainda restava uma parte: podia escrever em meu próprio nome e com a minha letra. Uma vez concebida a brilhante ideia, o caminho que se lhe seguiria pareceu-me iluminado do princípio ao fim.

Assim, compus o melhor que pude o fato, chamei uma carruagem e dei-lhe a direção de um hotel da Rua Portland, cujo nome consegui recordar. Perante a minha aparência (à partida cômica, apesar do trágico destino que ocultava), o cocheiro não conseguiu esconder um sorriso. Rangi-lhe os dentes com uma fúria tão diabólica que o riso desapareceu-lhe do rosto, felizmente para ele e para mim, porque se tivesse voltado a sorrir, tê-lo-ia deitado abaixo do banco. Ao entrar no hotel, olhei à minha volta com um tão negro semblante que os empregados estremeceram; não trocaram nem um olhar à minha frente, antes obedeceram servilmente às minhas ordens; levaram-me para um quarto privado e trouxeram-me o material necessário para escrever.

Hyde, em perigo de vida, revelava-se-me uma criatura completamente nova: sacudido por uma cólera pouco comum, decidido até ao limite do crime e ansioso por provocar estragos. Mas, sobretudo, uma criatura astuta: dominou a sua ira com um grande esforço de vontade e escreveu duas importantes cartas, uma a Lanyon e outra a Poole e, para ter a certeza plena de que haviam sido postas no correio, mandou que as registrassem.

A partir de então, passou todo o dia sentado junto do fogo do seu quarto privado, roendo as unhas. Ali jantou a sós com os seus temores, enquanto o criado de quarto se mostrava visivelmente amedrontado só de o olhar. Assim que a noite chegou, escondeu-se num canto de uma carruagem fechada e assim se passeou pela ruas da cidade. “Ele”, pois não posso dizer “eu”. Essa criatura infernal não tinha nada de humano, apenas era habitado pelo ódio e pelo medo. E quando, por fim, com medo de despertar as suspeitas do cocheiro, despediu a carruagem e se aventurou a calcorrear as ruas, ataviado com a sua indumentária desalinhada, chamando obrigatoriamente a atenção de todos os transeuntes noturnos, essas duas paixões enfureceram-se no seu íntimo como uma tempestade. Avançava depressa, perseguido pelos seus temores, falando consigo mesmo, escondendo-se para não ser visto, contando os minutos que ainda o separavam da meia noite. Uma mulher aproximou-se dele para lhe oferecer, julgo eu, uma caixa de fósforos. Esbofeteou-a e a mulher fugiu.

Quando voltei a mim em casa de Lanyon, o horror manifestado pelo meu velho amigo talvez me tenha afetado um pouco. Não sei. Em todo o caso foi apenas uma gota no oceano de horrores que foram aquelas horas. Uma mudança havia-se operado em mim. Já não era o medo da forca mas sim o horror de me converter de novo em Hyde. Recebi as censuras de Lanyon como num sonho, como num sonho regressei a minha casa e deitei-me. Após o abatimento daquele dia, dormi tão profundamente que nem sequer os pesadelos que me torturaram durante toda a noite lograram interrompê-lo. Despertei pela manhã, agitado e débil, mas repousado. Continuava a odiar e a temer a imagem da besta que dormia dentro de mim e, naturalmente, não havia esquecido os espantosos perigos do dia anterior; mas, uma vez mais, encontrava-me em casa, em minha própria casa e próximo das minhas drogas; a gratidão que sentia por haver

logrado fugir brilhava com tanta força na minha alma que quase rivalizava com a luminosidade da esperança.

Passeava com calma pelo pátio, depois de ter tomado o pequeno-almoço, bebendo com deleite a frescura do ar, quando de novo fui assaltado por essas indescritíveis sensações precursoras da transformação; tinha o tempo suficiente para chegar junto dos armários do meu gabinete, antes de me sentir novamente enfurecido e gelado pelas paixões de Hyde. Nessa ocasião, precisei de uma dose dupla para recuperar a minha personalidade e, aí, seis horas mais tarde, quando estava sentado a olhar tristemente o fogo da lareira, voltaram as dores e tive de me administrar de novo a droga.

Em resumo, daquele dia em diante, foi apenas graças a um esforço supremo quase ginástico e sob o estímulo imediato da droga que pude conservar a aparência de Jekyll. A todas as horas do dia ou da noite, via-me assaltado pelo calafrio premonitório; sobretudo, se dormia ou se tosquenejava na cadeira, despertava com a aparência de Hyde. Ante a tensão desta condenação constante e da insônia a que eu próprio me obrigava e que ultrapassava tudo quanto pensava possível num ser humano, converti-me, sob a minha própria aparência, numa criatura devorada e consumida pela febre, languidescente de debilidade física e espiritual e obcecada por um único pensamento: o horror do meu outro eu. Mas quando dormia, ou quando a força da droga diminuía, voltava quase sem transição (pois as dores da transformação eram a cada dia mais leves) a ser presa de um pesadelo carregado de imagens de terror, de um espírito que se agitava em ódios sem causa e de um corpo que não parecia bastante forte para conter as raivosas energias daquela vida.

Os poderes de Hyde pareciam ter aumentado com a enfermidade de Jekyll. E o ódio que agora os dividia era igual em ambas as partes. No caso de Jekyll, era um instinto vital. Agora, havia visto toda a deformidade daquela criatura que compartilhava consigo alguns dos fenômenos da consciência e seria co-herdeira da sua morte. Para além desses vínculos, que em si constituíam a parte mais patética da sua desgraça, considerava Hyde e toda a sua energia vital como algo não só de infernal, mas também de inorgânico. E essa era a coisa mais espantosa: que a lama da tumba pudesse emitir gritos e vozes, que o pó amorfo gesticulasse e pecasse, que o que estava morto e sem forma usurpasse as funções da vida. E, sobretudo, ter consciência de que esse horror que surgia lhe estava ligado de um modo mais íntimo que uma esposa, mais que os seus próprios olhos, encerrado na sua própria carne, onde o sentia a gemer e a lutar por renascer. E a cada momento de fraqueza, na confiança do sonho profundo, prevalecia sobre ele, despojando-o da vida. O ódio de Hyde para com Jekyll era de natureza diferente. O terror da forca levava-o continuamente a suicidar-se temporariamente e a regressar à sua condição subordinada de parte em vez de pessoa; mas detestava essa necessidade, detestava esse desânimo em que Jekyll estava agora mergulhado e ressentia-se com o desprezo com que este o olhava. Daí os gestos simiescos com que me obsequiava, escrevendo com o meu punho e letra blasfêmias nas páginas dos meus livros, queimando cartas de meu pai e destruindo o seu retrato. Claro que se não tivesse sido por medo da morte, há já muito tempo que teria procurado a sua própria ruína com a única finalidade de me arrastar a mim também. Mas o seu amor pela vida é formidável: irei mais longe: eu, que fico doente e que sinto um frio terrível só de pensar nele, quando recordo o seu apego abjeto e apaixonado à vida, quando me dou conta de como ele receia o poder que eu possuo para o eliminar mediante o suicídio, sinto pena dele no mais profundo do meu coração.

Além de me faltar angustiantemente o tempo, seria inútil prolongar esta descrição; basta dizer que ninguém sofreu tormentos semelhantes. E, contudo, o hábito de sofrer supõe, senão um alívio, pelo menos um certo endurecimento do espírito, uma certa aquiescência no desespero. O meu castigo poderia ter-se prolongado durante anos, se não tivesse sido esta última calamidade que agora me sobreveio e que, finalmente, me despojou do meu próprio rosto e natureza. A minha provisão de sais, que não havia renovado desde o dia da minha primeira experiência, começou a esgotar-se. Pedi uma nova remessa e preparei a poção; entrou em ebulição e sofreu a primeira mudança de cor, mas não a segunda. Saberás por Poole, como percorri toda a cidade de Londres à procura desse sal; tudo foi em vão e, por fim, tenho agora a certeza de que a primeira remessa que obtive era impura e que foi precisamente essa impureza desconhecida que tornara eficaz a poção.

Passou quase uma semana e agora termino esta confissão sob a influência da última dose dos antigos pós. A menos que aconteça um milagre, esta será, pois, a última vez que Henry Jekyll poderá expressar os seus próprios pensamentos e ver refletido no espelho o seu rosto (agora tão tristemente alterado!). Não quero prolongar por mais tempo o final deste escrito, pois se até agora tenho conseguido fugir à destruição, isso sem dúvida tem sido devido a uma estranha combinação de prudência e boa sorte. Se a agonia da transformação me assaltasse no momento em que escrevo esta carta, Hyde fá-la-ia sem dúvidas em pedaços. Mas se decorrer algum tempo desde a sua conclusão até à mudança provável, o seu extraordinário egoísmo e capacidade para se limitar a viver o momento presente é capaz de a salvar do seu ódio simiesco. A verdade é que o fado que se abate sobre nós dois já o modificou e aplacou. Dentro de meia-hora, quando adotar de novo e para sempre essa odiosa personalidade, sei que me deixarei ficar sentado na minha cadeira, a tremer e a chorar, ou que continuarei a percorrer esta casa de cima abaixo (o meu último refúgio terreno), atacado por um êxtase de tensão e terror, atento a qualquer ruído ameaçador. Morrerá Hyde no patíbulo? Ou encontrará o valor suficiente para se libertar de si mesmo no último instante? Só Deus sabe. A mim isso já não interessa. Esta é a verdadeira hora da minha morte e o que acontecer daqui em diante só a mim diz respeito.

Assim, pois, ao pousar a pena e ao assinar a minha confissão, ponho fim à vida deste desventurado.

– Henry Jekyll”